Obras Completas de A. F. de Castilho

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
SOCIEDADE EDITORA
LIVRARIA MODERNA || TYPOGRAPHIA
95, R. AUGUSTA, 95 || 45, R. IVENS, 47
LISBOA

OBRAS COMPLETAS

DE

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

VOLUME 11.º

VOLUMES PUBLICADOS:

I — Amor e melancolia.
II — A chave do enigma.
III — Cartas de Ecco e Narciso.
IV — Felicidade pela agricultura (1.º vol.)
V — Felicidade pela agricultura (2.º vol.)
VI — A primavera (1.º vol.)
VII — A primavera (2.º vol.)
VIII — Vivos e mortos—Apreciações moraes, litterarias, e artisticas.
IX — Vivos e mortos (2.º vol.)
X — Vivos e mortos (3.º vol.)
XI — Vivos e mortos (4.º vol.)

NO PRÉLO:

XII — Vivos e mortos (5.º vol.)

OBRAS COMPLETAS DE A. F. DE CASTILHO
Revistas, annotadas, e prefaciadas por um de seus filhos
XI

VIVOS E MORTOS

APRECIAÇÕES
MORAES, LITTERARIAS, E ARTISTICAS

VOLUME IV

LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade Editora
LIVRARIA MODERNA — Rua Augusta, 95
TYPOGRAPHIA — 45, Rua Ivens, 47
1904

SUMMARIO

Civilisa-se entre nós o culto divino. — Collegios de educação. — Pequena amostra de uma resposta grande — Revelação de um talento artistico feminil.—Orthographia.—Poetisa portugueza.—*Macte nova virtute, puer, sic itur ad astra.* — O espirito de nacionalidade —Os pescadores da costa.—Asphalto portuguez. — Achada para surdos. — ¿Mais um? — Campoamor. — Frei Luiz de Sousa. — O caffé convertido. — Barcos aéreos a vapor. — Caridade. — Medicina sem medicina. — Asphalto. — Advertencia importante. — Duello.

LVII

CIVILISA-SE ENTRE NÓS O CULTO DIVINO

(Dezembro de 1842)

Muitas festas de egreja se teem feito n'estes ultimos tempos, que mereceriam descritas n'este jornal; ou por outra: cuja memoria devia ter sido empalhada, e mettida em museu litterario para estudo dos vindoiros. Deixemos porém as atrazadas; falemos de duas recentissimas.

*

Na egreja do convento de Jesus, hoje parochial de Nossa Senhora das Mercês, celebrou se com esplendido apparato a festa da *Associação da Fé*. Acudiu muito povo, desejoso de presencear o como davam exemplo de religiosidade a esta geração nova de *indifferentistas* os que ainda se présam e blazonam de Portugaes velhos, conjurados defensores da nossa santa Fé.

¿Mas que se encontrou na casa de Deus? ¿Um theatro — como cuidará algum pra-

guento? Não; dois theatros: S. Carlos, e Rua dos Condes; *Roberto do Diabo*, e o *Dominó*.

Beati mortui, qui in Dominó *moriuntur*— exclamou com despeitoso escarneo um sizudo, sahindo pela porta fóra arrebatadamente.

Escandalisa-se a *Associação da Fé* de vêr ali um Museu, onde tinham refeitorio os Religiosos, e, no logar onde tomava assento o Provincial, arrimado á parede um jacaréu. Escandalisa-se... ¡e vai buscar para a egreja os desavergonhamentos mais lascivos dos tablados!

A Historia Natural é pelo menos uma sciencia; e o gabinete em que se ella estuda, uma especie de monumento das glorias do Creador. Buffon, mostrando a Zoologia, é um sacerdote a evidenciar a Omnipotencia. ¡Mas o *Dominó* e o *Roberto!*...

Il me semble voir le diable,
Que Dieu force à louer les saints.

*

A segunda semelhante festa, a que nada faltou senão cartazes em papel sellado, com a competente approvação da Inspecção geral dos Theatros e Espectaculos do Reino, foi a da freguezia de Nossa Senhora dos Anjos, no oitavario da Conceição, a 15 do corrente mez.

Meia egreja estava occupada de um palanque, ou tribuna, em tanto extremo levantada, que S. A. a senhora Infanta D. Isabel Maria, a quem a haviam destinado,

sobrelevava em altura e portamento aos proprios Santos e Santas da casa.

Defenda-nos Deus de desacatar a Real Estirpe, e as muito conhecidas virtudes d'esta Princeza; mas o tabernaculo é quem veda que os não canonisados, e ainda vivos, Reis e Imperadores que sejam, campeiem ali como quem domina por cima das cabeças dos Bemaventurados. Ali (para nos servirmos da expressão mais eloquente de um dos mais eloquentes oradores, só DEUS É GRANDE). Estamos persuadidos de que, mais que a de ninguem, a piedade da propria Princeza se consternou com a profanação que assim fizeram, com a sua Pessoa excelsa mas humana, ao respeito inquebrantavel do Santuario.

A musica, assim a da véspera como a do dia, era excellente como o pensamento do telónio: era toda escolhida do eterno *Dominó,* e de outras egualmente *orthodoxas.*

O passo da Consagração foi solemnisado com aquelle trecho *sublime*, que o chaveiro das Religiosas canta quando vai com a lanterna em cata da snr.ª Jacintha, com quem, depois da ceia, pretende tambem passar a noite.

Um curioso, que viu começar a festa pela symphonia d'esta opera, ia já dar palmas, quando, sustendo-lhe os braços, os circumstantes lhe pediram cortezmente que se lembrasse onde estava.

—«Tem rasão—lhes respondeu elle cahindo em si;—estava eu agora á espera de ver apparecer o Subtíl.... e sai-me um clérigo!»

Temos pejo de historiar mais.

Acontece e repete-se isto no anno da Redempção de 1842, na Capital de um Reino que se appellida *Fidelissimo,* e cuja Constituição diz que a Religião do Estado é a Catholica, Apostólica, Romana!!....

*

Os espectaculos teem um cabeça.

Do mediocre e do pessimo que representam, nada vai sem outorga d'elle.

¿Será o culto mais acéphalo, mais livre, mais anarchico, mais philosophico, do que os espectaculos? ¿Não tem a Provincia um Pastor espiritual? ¿não tem este autoridade para superintender em taes abusos, e força para supprimil-os?

Se é licito introduzir nas ceremonias sagradas o que mais *deleita* a cada um, ponham-se os templos a concurso de empresarios, e prefiram-se aquelles que mais innovações plausiveis prometterem.

Os Lacedemonios, nos tempos em que ainda não eram um Arcebispado, mas só Republica pagan, conta-se (diz Cicero) que reprovavam a musica do genero chromático; e dá a rasão: porque este genero afeminava e viciava os animos da mocidade.

Mas emfim: se queremos ser menos severos, e sobretudo mais polídos, que os Lacedemonios, se nos não contentamos com as musicas graves e solemnes, que tão bem condizem com uma Religião solemne e grave; se entendemos, nós que tudo hoje entendemos e averiguámos, que não importa

que onde o espirito deve estar recolhido, venham bater pelos ouvidos ás portas da alma as voluptuárias primas-donas, as lacaias, habilidosas bufarinheiras de sensualidade, e as dançarinas, que só vestem quanto baste para melhor realçar a desnudez, se temos que as palavras dos hymnos do Psalmista e dos Prophetas não são, mais nem menos do que as das operas, umas telas indifferentes para se n'ellas estenderem os matizes dos sons mais deliciosos; (falemos franco) se os ritos christãos não são mais que uma farça, e a clausula religiosa da Constituição uma licença para se ella representar...... então mui encolhido e ronceiro caminha o nosso progresso; ou antes: mui contraditorio é elle comsigo mesmo.

E' preciso uniformar e completar a obra. O *Côro dos diabos*, ao levantar a Deus, como já o ouvimos na Cathedral, e o incestuoso casamento de Semiramis com Jeremias, como ahi algures se fez na Semana santa, estão gritando por uma completa reformação nas antigualhas do rito. O incenso já fede de velho; substituâmos-lhe o *macassar*, que harmoniza com as arietas, e nos associa as mil e uma ideias do toucador perfumado da casquilha dos saráus.

Prégar a moral segundo Matheus, ou segundo Lucas, é enfastiar com o que está repetido ha quasi dois mil annos; préguemos Balzac e George Sand; ou, melhor ainda, depois de um ritornello do *Frei Diabo* oiçâmos as *Memorias do Diabo*.

As mesmas vestimentas teem um não sei quê de anachronico e desgracioso; os reda-

ctores de jornaes de modas que nos dêem (pelo menos duas vezes por anno) o figurino do Clerigo nos differentes exercicios de seu ministerio, um para verão, outro para inverno.

Se tudo isto é absurdo e impio, a festa da *Associacão da Fé*, em Jesus, e a da Conceição, nos Anjos, e muitas outras antes d'ellas, e depois d'ellas muitas outras ainda provavelmente, não foram nem serão menos impias e absurdas.

*

Assentámos estender um pouco mais estas considerações, porque nos pareceu que necessariamente o nosso Cabeça espiritual ignorava estes factos, e desejavamos que o ecco lhe levasse lá algumas das nossas palavras. A sua virtude, a sua piedade, a sua sciencia, nunca o haveriam deixado ser consentidor de tamanho escandalo, se o laborioso retiro, em que vive encerrado, lhe não tivesse impedido o conhecel-o. Cremos, e cremos bem, que, para decotar as impiedades que ahi se estão desaforadamente enxertando na Arvore da vida, confiada á sua vigilancia, chega e sobra a sua autoridade. Se carece porém de forças, requeira-as ao Governo, que, por um dos primeiros artigos da Lei do Estado, tem obrigação implicita de lh'as facultar.

(Rev. Univ.)

LVIII

COLLEGIOS DE EDUCAÇÃO

(Dezembro de 1842)

A liberdade de ensino não entra, ou não deve entrar, no rol dos chamados «direitos do cidadão». Direitos essenciaes e inauferiveis são unicamente os que, derivando-se das condições primordiaes do nosso proprio ser, podem preencher-se, sem deterimento ou injuria da sociedade.

A qualidade e quantidade da doutrina, com que se pode nutrir ou avenenar a geração nova, ninguem dirá que não seja materia que a sociedade deve reservar inteira para si, zelal-a, e administral-a com o maior amor.

Diremos mais: ainda que um Reino quizesse, por uma Lei, conferir a todos os seus individuos o direito do ensino franco e incondicionado, esse acto de extravagancia, supondo-o revestido de todas as formalidades legaes, nem por isso produziria nenhum verdadeiro direito; e isto por duas razões inconcutiveis :

1.ª—porque nenhuma força pode converter em Lei o que repugna com a natureza essencial das coisas;

2.ª—porque nenhuma geração póde dispôr da felicidade das gerações a que antecede.

Se algumas vezes os povos o teem feito, todos esses seus actos são, em philosophia (tribunal superior a todos os tribunaes) irritos e nullos; tão irritos e nullos, como a venda que a mãe africana faz do seu filhinho ao mercador de escravos; e tão barbaros, como a operação com que a mãe italiana condemna o seu, ainda no berço, a nunca saborear os contentamentos da paternidade.

Não temos nós do mundo e da vida mais do que um usufruto passageiro. O unico dono da universidade das coisas é o genero humano, em que entram comnosco os avós e os netos, os que cessaram de existir, e os que hão-de, e os que poderão nascer.

Se eu offendo, no que chamo *meu predio*, arvore ha duzentos annos plantada, tratada, e conservada por uma série de donos, tanto para mim, seu descendente, que d'ella me góso sem n-a haver disposto, como para os outros tambem seus descendentes, que de mim provierem, se eu tiro a esta arvore mais do que o fruto e os ramos sêccos, se a corto por meu bel prazer, violei um testamento, abusei do facto de existir, converti-o em direito de força, e commetti uma lesão irreparavel para duas partes; e tanto mais atroz e covarde, quanto mais eu sabia que os meus lesados não podiam obter repara-

ção. Esta arvore no predio hereditario, esta arvore de innumeraveis ramos, uns florife-ros, outros frutuosos, outros balsamicos, outros só amenos e diffundidores de bellas sombras, symbolisa o complexo de todas as coisas por qualquer modo uteis, que na terra achamos em abrindo os olhos, e que, em os fechando, deveremos deixar ainda na terra melhoradas quanto houvermos podido, e por nenhum modo desfalcadas ou derrotadas.

*

Mas apertemos esta theoria, applicando a só ao assumpto que prepozémos: o ensino.

¿Como poderá a sociedade haver, não digo já a firme certeza que para casos de consciencia se requer, mas nem ainda a presumpção, de que as disciplinas que se crearam para aperfeiçoar o entendimento e os costumes, serão administradas com saber e zelo por todos aquelles que a si mesmos se houverem prepostos mestres e creadores da puericia e adolescencia, e que, pelo commum, não vão procurar n'esse mistér, mais do que um remedio para se manterem?

Figura-se nos isto o mesmo, que deixar um lavrador que os animaes do seu montado lhe devorassem os filhos, para se bem cevarem.

—Mas—dizem—a concorrencia de maus e bons fará uns e outros conhecidos; e a final ficarão, como trigo graúdo sobre a joeira, unicamente nas escolas os sujeitos idóneos para o magisterio.

¿Por que, logo, se esse é o afortunado

fim que vós mesmos desejais, não provêdes a que desde já se realise? ¿Para que deixais para fim o que havia de ser principio? ¿Para que permittis que algumas, e muitas, creações se mallogrem ou viciem? ¿Sabeis, ou sabe alguem, quantos males se podem originar de cada uma que se estraga? ¿Não tendes visto um só defeito vir a final a perder um homem, um homem a uma casa, uma casa a uma cidade, e uma cidade a um Reino? E de mais: ¿quem vos affiança que o preceptor charlatão, ou depravado, não triumphará muitas vezes, por suas industrias e enredos, do merecimento solido, mas encolhido e retirado?

*

O desenvolvimento d'estas e semelhantes considerações espraiar-nos hia o discurso por fóra de todas as margens, e não aclararia mais uma verdade, que, apenas enunciada, se embebe, inteira e resplandecente, ainda nos animos mais rudes e ennevoados.

¿Que é porém o que se faz? Faz-se *liberdade*, em vez de se fazer *educação;* ou antes: ataca-se e desfaz-se a liberdade, com uma coisa que lhe usurpa o nome.

O falso direito de ensino destroe pelos fundamentos os sagrados, os incontestaveis, direitos paternaes.

O pae, que ignora as materias que deseja aprendidas por seu filho, não podendo por si mesmo julgar os professores d'ellas, toma um ao acaso, ou prefere outro, para quem alguns motivos frivolos o inclinaram. Confia-lhe o herdeiro do seu sangue, do seu

nome, e dos seus haveres, o arrimo da sua velhice, a esperança unica de sua casa.

Este pae tinha (¿quem lh'o negaria?) o direito de esperar da sociedade a quem serve, e a quem pertence, que lhe houvesse proporcionado nas escolas, que tem abertas, um meio de realisar a sua virtuosa ambição. Mas a sociedade é que não teve tempo de reparar para a correlata obrigação, que esse direito lhe impunha a ella: o filho não aprendeu, ou aprendeu mal, ou veio a atormentar e encher de vergonha os ultimos dias do autor dos seus.

N'isto, além do direito do pae e da familia, tambem o direito do proprio filho foi sacrificado, porque se lhe estorvou, logo no principio, o caminho para a felicidade e para a virtude.

¿E que vantagem contrabalançou tantas desvantagens? Manteve-se, á custa de muitos, com deterimento de muitos e de todos, um perverso, ou um nescio, ou um nescio perverso, a quem se permittiu negociar com a ventura alheia.

*

Lisboa está inçada de escolas e collegios fundados e regidos por homens d'estes, sem nenhum genero de habilitação, e tão baldos de tudo que se requer para este officio espinhosissimo, que o mais leve exame, que a autoridade lhes tivesse mandado fazer, haveria logo evidenciado a sua incapacidade.

Não sabemos coisa que mais requeira prompta e cabal providencia legislativa. ¿Dar-se-lhe-ha ella? Esperamol-o confiadissima-

mente. A Junta encarregada da nobre commissão de apresentar ás Côrtes o projecto de Lei para a reformação dos estudos, compõe-se de varões sabios e sizudos, por quem todos estes axiomas já a estas horas devem ter sido escrupulosamente ponderados.

Mas, em quanto não chega o dia que tem de substituir a esta escandalosa licença do ensinar, a verdadeira liberdade do aprender, e ao tráfico e traficancias de alguns poucos os reaes interesses de todos os cidadãos, consolemo-nos da miseria e horrores, que de muita e muita escola d'esta pobre terra se nos teem relatado, contemplando o que se passa n'uma das raras, merecedoras do publico favor.

Convidamos aos paes de familias a visital-a comnosco. Não lhes pesará dos poucos momentos que n'isso vamos despender.

*

A 18 de Dezembro está patente e festivo o palacio do Quelhas, Collegio ou pequena universidade de educação. Celebram-se os exames publicos. A fama pregôa ha muito, e nunca desmentidos, os louvores d'este instituto, cujos alumnos vão crescendo em numero de anno para anno. Muitas pessoas das mais respeitaveis acodem a presencear os triumphos d'esta mocidade esperançosa, nobre orgulho de seus paes, orgulho ainda mais nobre de seus mestres.

Rompe o acto pela musica, digna alvorada para um dia todo de regosijos. O piano demonstra successivamente os notaveis pro-

gressos de muitos de seus imberbes cultores. Um d'elles, que pouco mais representa de dez annos, executa com tal primor umas variações, todas enleadas de difficuldades, que, ouvido sem ser visto, seria tomado por professor de largo uso; e comtudo, quasi que apenas enceta a arte.

A escrita (e alguma d'ella sai de mãosinhas que mal parecem poder ainda com a penna), a escrita é de uma correcção, de uma elegancia, de um caracter, que não ha desejar mais perfeição.

Na grammatica portugueza, na latina, e latinidade, todos ostentam o maior aproveitamento. Creanças de doze e onze annos vertem correntemente Livio e Virgilio, em passos embaraçosos deparados ao acaso.

Em materias do 1.º anno mathematico, assombra-nos que alguns dos discipulos, tão meninos, resolvam com tanta expedição calculos crespos, adrede escolhidos pelo nosso insigne Mathematico o snr. Folque, para lhes experimentar o ultimo das forças. O Director do Collegio, interrogando-os apertadamente n'estas disciplinas, mostra possuir n'ellas (segundo o conceito do mesmo snr. Folque), tão subidos conhecimentos, como quem de annos as trouxesse professadas.

Egual aproveitamento apparece nas materias do 2.º anno da Aula do Commercio.

O francez e o inglez são alternativamente traduzidos, falados, e escritos, com facilidade e correcção.

Copias de quadros, feitas por alguns dos collegiaes, infundem segura esperança de

que tambem artistas de mérito poderão sahir d'aquella casa.

O aceio, que em tudo, em todos, e de toda a parte, respira, e a apparencia dos meninos, não deixam duvida alguma sobre o bem que são tratados; e na verdade, a policia interna é de todo o ponto ordenadissima. A severidade necessaria é ali temperada pela cordealidade franca e mútua; collegiaes, mestres, e Director, mostram entre si certa intimidade, que, sem quebrantar os respeitos devidos aos superiores, lhes facilita, pelo contrario, o conduzir mais facil e rapidamente os seus alumnos para a perfeição.

O edificio, situado em paragem saudavel, espaçoso, e dividido em quartos bem visitados do ar e da luz, contribue, com o hygienico tratamento que n'elle se mantém, para não haver ahi certas molestias, que ás vezes entram, grassam, e ficam de aposentadoria, onde se alberga numero crescido de creanças.

*

Um tal painel, não de tintas mortas, mas vivo e tão correcto e perfeito, honra a quem o concebeu e executou, e merece que todos os paes que tenham de dar filhos a educar, não contentes do ligeiro esboço que d'elle lhes havemos feito, se apressem a ir por si mesmos, e por seus olhos, estudal-o.

(*Rev. Uuiv.*)

LIX

PEQUENA AMOSTRA DE UMA RESPOSTA GRANDE

(Janeiro de 1843)

I

Recommendamos, antes de tudo, se leia attentamente o artigo, que, em réplica ao nosso 1168 intitulado *Civilisa-se entre nós o culto divino*, sahiu no *Portugal velho* de quarta feira 28 de Dezembro. Devêramos talvez reimprimil-o; mas para torpezas nunca haverá cabida n'estas paginas.

Esse artigo não é da Redacção; damos-lhe os parabens. Imprimiu-o; perdoâmos-lh'o. Não lhe decotou, como podéra, villanias de cynico e injurias de parvo, tão indignas da imprensa e do seculo, como do assumpto; fez mal, porém mal a si; não nos toca.

Nada temos pois, por agora, com o *Portugal velho;* nada com os homens da sua conhecida parcialidade, contra quem nem uma só vez commettemos ainda a covardia de dirigir uma affronta, ou um sarcasmo,

em sessenta e tres semanas que já dura a nossa folha; com alguns dos quaes tratamos amisade leal; e entre cujos coripheus contamos collaboradores nossos, que não poderão queixar-se de lhes havermos, uma só vez, cortado ou enfraquecido expressões do seu politico interesse.

Tão pouco sahiremos aqui a terreiro contra a *Associação da Fé;* associação respeitavel pelo seu titulo, pelo numero e qualidade de seus membros, pelos fins que de si pregôa, pelas obras que n'outros Reinos tem feito, continúa, e promette. Não a conhecemos assaz; não nos movem ditos vagos de partidarios ou de inimigos. Se occulta, sob a capa religiosa, algumas tenções damnadas, Deus que a castigue da profanação, o tempo que a descubra, e a Autoridade que a extirpe. Se tende para a regeneração da sociedade pela Moral, e da Moral pela Fé, a Providencia que a ampare e a encaminhe até a assentar triumphante no seu throno. Se é como todas as coisas da terra, e nenhuma das do Céo, meiada de bem e mal, e se tem no seu gremio povo sincero e pio, e magnates que abusam d'elle, Deus que derribe e confunda os ambiciosos, illustre e resgate os crédulos.

Repetimol-o: não julgamos a *Associação da Fé*, porque não a conhecemos. O conceito em que temos a muitos de seus membros, já para ella nos inclina. As suas obras de verdadeira rebaptisação e caridade, em apparecendo, farão o resto. Seremos, se o podermos, discipulos seus, seus apóstolos, seus confessores, seus martyres.

*

Assim, nem com um bando religioso, nem com outro bando politico, temos aqui nada, mas com um individuo unico; ¡um unico individuo! e tão conscio da sua fraqueza, que só mettido por traz dos outros apedreja; e tão convencido da sua miseria, que de escrever o seu nome se corre, como de uma affronta.

Que se embrulhe bem na sua capa; não temos estômago para lh'a arrancar; conserve em paz a sua máscara, inutil por transparente. Tambem por fóra da máscara se pode esbofetear ao villão mal ensinado, e, sem lh'a tirar, confundil-o debaixo dos pés no lodo d'onde surgiu. Mas ¿para quê? viva o pobre do truão. Deus sabe quem lhe manda clamar, e por que preço. Não lancemos ao Tibre a estatua de Pasquinó.

Ousa este homem, que não se chama nada, entrar-nos pelos penetraes mais intimos de nossa consciencia, trazendo por luz a lanterna fétida de Diógenes, e gritar: «Não ha aqui altar nem Deus.» Calquemos-lhe essa lanterna de furta-fogo; levantemos o facho da rasão desassombrada; pasmará de não ter visto (ou de ter dito que não via) o altar, o culto, a adoração sincera.

*

Se as obras (e as palavras lançadas no Publico tambem são obras) se devem tomar por documentos do animo, quando nenhum motivo torcido e secreto se lhes pode aven-

tar, ahi entregamos ao falsario, que nos dá por inimigos apostados da Religião, e empenhados em a sollapar e destruir, ahi lhe entregamos as setecentas e sessenta paginas da *Revista*, para que aponte n'ellas uma só linha, que, ainda forçadamente, possa abonar tal desconfiança. Pelo contrario: em toda a parte, a todo o proposito, e talvez até importunamente, como o Apóstolo das gentes recommenda se evangelize, havemos sempre forcejado por que se respeitem, mantenham, e favoreçam, os principios da unica verdadeira crença, as praticas da unica Religião verdadeiramente humana, porque verdadeiramente Divina.

Mais: ¿Pretende elle (pretende) tornar *solidario,* como hoje dizem, o homem actual com o homem passado? ¿recusar ao entendimento individual a perfectibilidade que tem o entendimento social, e inculcar que o que pensámos ha *sete* annos deve ser o mesmo que hoje pensâmos? ¿Quer negar ao Divino Espirito o seu dito, quando declara, não só que a alma faz mudanças, se não tambem que é louvavel o fazel-as do mal para o bem, ou do bem para o melhor? Ahi tem mais trezentas e quarenta e sete paginas de folio da *Guarda avançada*, cujo redactor foi o mesmo que hoje redige a *Revista Universal*; que mostre ahi uma só phrase heterodoxa ou ambigua em taes materias.

Outros peccados teve aquelle papel. Demasiada boa-vontade, e excessiva fé na virtude civica de uns, e na corrigibilidade de outros; em summa: inexperiencias do mundo e dos negocios, produziram frequentes vezes

delirios e injustiças; não tantas nem tantos como apaixonados pregoavam; os annos, que depois vieram, teem hoje quasi completamente canonisado a *Guarda avançada*.

Mas a Politica não é aqui a nossa questão. N'aquella folha, o meu animo inflexivel, forjado por assim dizer ao fogo de uma philosophia abstracta, e por mim mesmo temperado artificialmente, e a grande custo, até grau de rigor e crueldade, defendeu mais de uma vez os principios, os usos, e os homens, da Egreja.

Apoz os jornaes venham os livros, que ha mais de vinte annos teem sahido a lume com o nome do mesmo autor. Insignificantes são, mas não são poucos. Sáia d'elles por onde o condemnem de inimigo e perseguidor do Catholicismo. De todos elles surdem provas directas, ou inductívas, do contrario.

Eis aqui o que era leal, o que era honesto, o que era christão, o que era necessario, o que era indispensavel, que o pobre Diógenes considerasse antes de escrever, e tres vezes reconsiderasse antes de imprimir estas palavras, por onde abre a sua carta:

«Muito custa a esses hypócritas, traficantes de Religião, e amigos de celebridade, que ella se sustente, e vá vingando dos esforços que fizeram para a derribar, e desterrar d'este nosso Paiz, classico em piedade, e *Fidelissimo* por timbre.

«Desfalleceram na sua empreza essas *guardas avançadas* da anarchia, da immoralidade, e da desordem, que franca e publicamente faziam á piedade uma guerra de morte.»

Fazemos ao correspondente do *Portugal velho* a mercê de não trasladar mais. Não corará, porque de rubor não ha capitulo na physiologia dos sicarios mascarados; mas servirá de escarmento a futuros calumniadores imbecís.

*

Nada ha mais repugnante e indecoroso, do que falar homem de si mesmo. Todavia, quando o leproso lhe grita do meio do seu muladar «Tu és leproso», e mente, não ha remedio senão descobrir, e mostrar. Por isso insistiremos ainda um pouco n'esta repugnante apologia, antes de entrarmos á questão; pedimos vénia, e seremos breves.

Julgou o damnado morder, e quebrou os dentes na pedra. Todos os documentos a que se reportou o sicophanta depõem, notória e manifestamente, o contrario do que allega; e conformes com elles são todos quantos podéra produzir. Os poucos bons (*bons*, pressupposta a sua logica honrada de argumentar de tempos para tempos), não os conhece elle. Vamos denunciar-lh'os, para que lhe não falte de todo materia á sua tréplica.

*

O Redactor da *Revista Universal* passou tambem por aquella edade (¡ mau pesar que fosse ha tantos annos!) em que se julga não crer, e se não quer a Religião, porque a super-abundancia de vida quasi que não deixa acreditar na morte; e fez trovas sobre os Livros Santos, tão baldas de piedade, como

de rasão e poesia. Que o apedreje quem, mettendo a mão na consciencia, se sentir n'esta parte isento de peccado.

Apoz este tributo dos juvenís verdores, pago a um seculo filho e ainda herdeiro do de Voltaire, e exactor rigoroso de seus fóros sob pena de *ridiculo* (pena maxima para os loucos bemaventurados que estão sahindo da infancia) nada mais lhe podemos presentar, que lhe aproveite n'estes seus autos de delação abjecta, pérfida, e realmente inassignavel até para um cynico.

Se nos perguntar quem nos transformou, não em Santos, que o não somos nem aspiramos a sêl-o, mas em convencidos da verdade, da utilidade, da necessidade da Religião, tambem lh'o diremos francamente. Foi em primeiro logar o tempo; em segundo, a reflexão; em terceiro (e sobre tudo) a morte. Quem chegou a perder na terra objectos amados, não pode deixar de abraçar-se a uma crença que promette restituir-lh'os.

Não nos alardeamos christãos de obras; christãos de Fé, sim, presâmo-nos de o ser, e n'o consentimos a devassos que nol-o impugnem. Havemos de continuar a defender as doutrinas sans, tão apartadas da impiedade de pseudo-philosophos, como de fanatismos ultramontanos. N'isto, ¿que interesse pessoal nos poderia influir, se não obedecessemos a uma convicção intima?

A imputação que o pobre tonto nos faz de *hypócritas* é o petipé do seu entendimento: não chega a pollegada. ¿Que interesse particular pode haver n'esta nossa propugnação constante de uma discreta religio-

sidade? ¿Com que poderosos nos fazemos bemquistos por este meio? ¿com os *liberaes extremos*, que nos escarnecem de *fanaticos*, ou com os *absolutistas ferrenhos*, que nos acoimam de *impios*, porque não mettemos a Politica entre os nossos artigos de Fé? ¿Pôr-nos-ha Roma no calendario dos Santos? ¿ou Lisboa no pantheon dos innovadores?

—«Rousseau defende os interesses da sua impiedade» — dizia o Arcebispo de París, na sua pastoral contra a profissão de fé do vigario de Saboia.

— «¿Quaes são os interesses da minha impiedade? — respondia Rousseau. — Os da piedade de V. E. conheço-os eu, que são as grossas rendas da sua Mitra.»

Esta resposta, que n'aquelle caso não era boa, sai perfeitamente accommodavel ao nosso. ¿Que logares, que officios, que rendas, que condecorações, que applausos, que influencias, que força, que bens, em summa, ou que espectativa de bens, nos augura a causa, quasi sem partidarios, e provavelmente sem victoria, em que nos empenhamos?

Promettemos deixar em paz as parcialidades politicas; não apertaremos mais estas perguntas.

*

Não ha *Tartufo*, pelo mero gosto de envergar a roupeta. Tirae-lhe a esperança de herdar os haveres de um *Orgonte*, de seduzir uma *Elmira*, e de se apossar de todo o regimen e governo do casal, desappareceu

esse personagem, não menos incommodo a si do que aos outros.

O nosso nome é conhecido; o insignificante que declare o seu, e veremos logo se é tão impossivel n'elle a *tartufia*, como em nós. Uma rasão nos inclina desde já, sem grande temeridade, a lh'a suppôrmos; e é o seu mesmo *sic valeas ut farina es*. Este não acreditar na fé alheia, fraquissimo abono da sua nos descobre. Este accusar de impiedade, com documentos que não provam senão piedade, esta infracção atroz do nono preceito do Decálogo, esta incompativel mixtura de afêrro ao culto, e de indulgencia para com modas absurdas que ameacam destruil-o, este *nul n'aura de l'esprit hors nous et nos amis*, são revèlações cabaes da mais completa, da mais nojenta, da mais deploravel *tartufia*. *Qua mensura mensi fueritis, eâdem remetietur vobis.*

*

Não passaremos hoje d'este preambulo. A questão da musica profana trasladada para os templos ficará esperada. De hoje a oito dias voltaremos a ella.

Oxalá que nunca mais nos forcem, como d'esta vez, a tratar de coisas tão extranhas a ella, como á publica utilidade; e principalmente, que nos não obriguem, por imprudencias loucas, a debates com que nada queremos: a debates *politicos* e *pessoaes*.

(*Rev. Univ.*)

LX

PEQUENA AMOSTRA DE UMA RESPOSTA GRANDE

(Janeiro de 1843)

Musica profana nas egrejas

II

Dois pontos havemos de tocar, mas que seja perfunctoriamente; um menos importante, outro importantissimo.

E' o primeiro: se sim, ou não, houve profanação por musica nas duas festas que extranhámos no artigo *Civilisa-se entre nós o culto divino*;

segundo: se é, ou não, reprehensivel e condemnavel a intrusão dos trechos da opera nas solemnidades da Egreja.

*

Quanto ao primeiro, começa o anonymo correspondente do *Portugal velho* perguntando d'onde vem que só agora se reprehen-

desse na *Revista* este genero de abuso, que já muito d'antes existia, inferindo que algum motivo secreto de paixão deveu andar n'isto. Tão infeliz é aquelle correspondente quando discorre, como quando historía; a calumnia é sempre o seu recurso.

Bem podéramos nós não havermos falado anteriormente em tal assumpto, e principiarmos agora. Todas as coisas teem um começo; e quando o que as faz não as faz por obrigação, mas por zelo, não ha que tomar-lhe satisfações por chegar tarde, mas sim agradecer-lhe porque chegou, quando muitos outros, que o podiam e deviam, o não fizeram. Todavia, a nossa opinião já d'antes estava, bem explicitamente, declarada n'esta mesma folha.

Se o crítico ahi a viu, e o negou, ¿que nome pretende que lhe dêmos? Se nos fez esta arguição sem se ter dado ao trabalho de percorrer o nosso jornal, ¿que apreço pretende que façâmos da sua consciencia?

Ora pois: como a supposição de motivo occulto e mau não se estriba em outro algum fundamento, rasgue mais essa folha do seu libello, porque eis aqui o que já tinha sahido n'este periodico, no dia 8 de Dezembro, a pagina 152, no remate de um artigo de religiosissima intenção, como todos os nossos:

«Sabemos que alguem zombará d'estes reparos; tanto peor para esse pobresinho, que não tem alma para entender, nem coração para sentir, nem instincto para dissimular a miseria da sua propria intellectualidade. Comprehendam-nos ao menos os que podem, e devem, pôr ponto n'este escanda-

lo. Bem sabemos que por moda passou para a egreja a musica da opera, e que a opera, em troca de cortesia, recebeu da egreja o orgão, os sinos, as freiras, as vestes clericaes e pontificaes, os hymnos, o altar, e a cruz; mas esta confusão de generos não é menos absurdo contra o culto estabelecido, do que peccado contra a philosophia. Grétry, entrando acaso em uma egreja, e ouvindo ao instrumental um trecho de opera sua, — Meu Deus, — exclamou — perdoae-me: eu não a tinha composto para Vós.—¿Que diria Grétry do nosso *progresso*? diria o que nós por ora não ousamos dizer.»

Nem tanto era necessario; o proprio artigo que incendiou a bilis do correspondente, lá tinha expresso o desmentimento d'este seu commentario. Logo no principio diz:

«Muitas festas de egreja se teem feito n'estes ultimos tempos, que mereceriam descritas n'este jornal, ou por outra, cuja memoria devia ter sido empalhada, e mettida em museu litterario para estudo dos vindouros. Deixemos porém as atrazadas; falemos de duas recentissimas..... etc.»

N'outra parte:

«O côro dos diabos, ao levantar a Deus, como já o ouvimos na Cathedral, e o incestuoso casamento de Semiramis com Jeremias, como ahi algures se fez na Semana santa, estão gritando por uma completa reforma nas antigualhas do rito... etc.»

E no fim:

«A festa da Associação da Fé, em Jesus e a da Conceição, nos Anjos, e muitas outras antes d'ellas, e depois d'ellas muitas

outras ainda, provavelmente, não fôram, nem serão, menos impias e absurdas.»

E' sina e fadario do homem: não joga talho, com que se não acutile; não produz argumento, em que se não enréde; não allega documento, que o não confunda; não dá como facto, senão o que é completamente falsidade. O *psychómetro*, applicado a uma tal cabeça, havia de apresentar phenomenos da maior curiosidade.

*

Assentado, e demonstrado como está, que era á coisa em si mesma, e não a pessoas, á moda em geral, e não a dois exemplos d'ella, que referiamos a censura, oiçâmos o que acerca d'estes mesmos dois exemplos affirma ou nega o nosso *mui veridico* analysador.

Na festa da *Associação da Fé,* em Jesus, apenas houve (diz elle) musica de capella; e na festa da Conceição, dos Anjos, cantaram-se na vespera as conhecidas *Matinas* de Marcos, com o *Te-Deum* de Frei José Marques; e no dia a *Missa* de Casimiro. O que nós disséramos de musicas de *Roberto* e *Dominó* em ambas estas festas foi (segundo elle) *falta de verdade*, *calumnia petulante, e ignobil mentira.*

Possivel era, que, por mal informados, houvessemos escrito inexactidões, sem todavia lhes poderem caber os epithetos de *mentirosas*, *calumniosas* e *petulantes*, que o escritor Zero tira de si para assentar n'ellas, porque taes designações só quadram, e são

devidas, onde se prova que houve má fé em vez de erro, e, em vez de engano passivo, engano activo e acintoso.

A nenhuma das duas festas assistimos pessoalmente; e comtudo, ainda agora estamos persuadidos de que no todo, ou na maxima parte, foi certissima a relação que nos fizeram, e sobre que recahiu a nossa diatribe.

Houve em Jesus duas festas grandes, em dois dias consecutivos, e em uma das quaes, pelo menos, occorreu o notado escandalo. Pessoas que teem nome nol-o confirmam. ¿Foi porém essa a da Fé? talvez; mas, posto que alguns nol-o asseverem, já o não ousamos nós asseverar; e folgamos com isso, porque desejamos sobremaneira, que a *Associação da Fé* em tudo seja, e se mostre, santa e impeccavel.

Na festa dos Anjos, porém, reperguntadas por nós testemunhas presenciaes, que todas teem nome e probidade, são muitas, e depõem conformes, mente o nosso desmentidor, e remente.

A estas asseverações, que por desinteressadas e insuspeitas fazem prova, como contraprova que nos acabaria de convencer se fôsse preciso, accresce a de ser negado o facto por negador tal.

Quem grita que ahi se não cantou musica profana, acabava de gritar, poucos segundos antes, que a *Revista Universal* guerreava o Christianismo. ¡Oh admiravel invento das cartas anonymas! ¡desappareceram, graças a ti, os impossiveis moraes! Os Thersítes entram nas pelejas com os Heitores, e

apupam aos Achilles de covardes. ¡Oh admiravel invento, que permittes figurarem de algum modo na republica litteraria os selvagens, uma vez que amarrem tanga sobre a obscenidade de seus nomes!

*

Enjoados d'esta frivola questão hypothetica, seguia-se agora passarmos para a discussão da thése; mas, porque para essa se requer mais explanação, desatemos por hoje do seu poste o mascarado padecente, e recambiemol-o para o oratorio por mais oito dias.

Possa o exemplo, que de industria procurámos tornar severo, para escarmento dos estupradores da Imprensa, aproveitar a outros, e a elle mesmo, se não tem, como parece, a alma já de todo apodrecida.

(Rev. Univ.)

LXI

PEQUENA AMOSTRA DE UMA RESPOSTA GRANDE

(Janeiro de 1843)

Musica profana nas egrejas

III

Todas as artes são manifestações diversas de um unico principio intimo, innato, espiritual, como a propria alma em que reside; este principio é o sentimento do Bello; sentimento sublime, em que os espiritos terrenos descrêem, mas de que os homens superiores se sentem dominados, a ponto de antepôrem as suas inspiradas phantasias a todos os praseres dos sentidos, a todos os triumphos do amor proprio, a tudo quanto o mundo ou os homens podem conceder ou envidar.

Este sentimento do Bello, não produzido pelo concurso dos objectos exteriores, e de que apenas, em algum d'elles, se pode encontrar, de longe em longe, algum vislum-

bre, este sentimento, que, sem haver entrado, apparece dentro, avassallando a todos os outros, ou convertendo-os em si mesmo ¿não será mais uma prova da alteza mysteriosa dos destinos humanos? ¿revelação de uma existencia mais duravel mais perfeita, mais absoluta? ¿um culto tributado ao grande Ente invisivel, principio e fonte de todas as formosuras e harmonias do Universo? Sem duvida.

Todos esses, que uma graça original, e não o estudo ou a Natureza, fez poetas, poetas em poesia como em estatuária, em eloquencia como em pintura, em architectura como em musica, em legislar como em viver, como em sentir, como em amar, todos esses tiveram, sem o cuidarem, um semicommercio com o Ceo, uns antegostos da felicidade; e nas suas obras, se o que n'elles se concebeu chegou á execução, vieram descobrindo ás turbas atónitas procederem de uma nascente recôndita e privilegiada, de uma força sobrehumana e sobrenatural.

*

Imaginae-me a alma de Virgilio.

Está reclinado (*ociosamente,* diriam os profanos) sobre a palha nova e perfumada de uma eira na campanha da sua Mantua, por uma noite de verão de Italia; scisma aquelle seu

¡Fortunate senex, ergo tua rura manebunt!

Agora, com os olhos lá sobe e se perde

pelos montes e labyrinthos das estrellas, a sussurrar

¡Felix qui potuit rerum cognoscere causas!

Vêde-m'o depois, assentado n'um penedo solitario, á orla maritima da sua Napoles, da sua querida Parthénope, onde seus ossos devem suavemente descançar a final. Está contemplando alternadamente os campos, que fertilisou com a sua lyra, o Vesuvio, revelação esplendida de um poder superior ao terrestre, e ao cabo as ondas rumorejantes e sem limite; recebe de tudo aquillo as imagens que elle tem de prender e eternisar, do seu Evandro e de seus paços rusticos, do seu Averno, dos seus Elysios, e da sua Dido, dos seus viajantes, do seu Palinuro, e da sua Caêta. A alma de Virgilio sente-se religiosa, enxérga o alvor de uma nova era.

Ultima Cumœi venit jam carminis ætas;
Magnus ab integro sæclorum nascitur ordo;
Jam redit et virgo, redeunt Saturnia regna.

*

Dezanove annos teem de decorrer entre a sepultura de Virgilio, em Italia, e o presépe do Salvador das gentes, na Judêa; e já, se é licito dizel-o, aquelle animo pregosta o que nenhum outro prevê: uma crença, toda poetica, de saudades e esperanças. Dir-se hia que, semelhante aos phantasmas que o seu Enêas divisou no mundo subterraneo, e que eram as almas dos que ainda estavam

por nascer, já atravez dos templos e divindades do seu paganismo, percebe levantar-se ao longe a sombra da Cruz, que ainda frondeja arvore entre os arvoredos do Calvario. Não é christão pela Fé, nem pela Esperança; é-o em parte pelo amor; é-o quasi todo pela Arte.

Esta Arte, que é a exoressão do Bello ideal, mais ou menos bem sentido, é pois religiosa na sua essencia, e vem maravilhosamente aos actos de adoração. As flores e o incenso, que são a poesia da terra, não vão mais proprias ao altar, do que a musica e os hymnos, que são o incenso e as flores do coração.

*

Ha todavia nas artes, ou antes na Arte, o mesmo que ha no homem, em quem e por quem ella subsiste: uma parte subtilissima, e que tende, como etherea, para as alturas d'onde procedeu; outra parte grosseira, terrestre, viciavel, e morredoira.

Entre o corpo e a alma da Arte vai, como entre o corpo e a alma do homem, uma perpétua luta, em que a porção sensual triumpha as mais das vezes.

Os verdadeiros artistas são raros, como os verdadeiros Santos, porque em tudo o sentimento do Bello, assaz vivo e energico para poder produzir, sobre ser privilegio de poucos, é sujeito n'esses mesmos a perturbações, a extravios, a quedas. Amar e entoar sempre, só aos Seraphins foi concedido; e a Patria dos Seraphins não é na terra.

Correi o mundo; pedi-lhe as obras dos

maiores genios, que os seculos foram transmittindo aos seculos como legado; contemplae-as attentamente; nem uma só vos recusará prova d'esta triste verdade. ¿Seguir-se-ha, porém, de conhecel-a, que tudo quanto em artes se fizer pode ser destinado aos mais altos fins? ¿que, não cabendo a perfeição em coisa alguma das que são do homem, se não deva extremar o mais e o menos imperfeito para só offerecer este ao Ente Perfeitissimo? ¿Porque todo o incenso tem fézes, não se procurará para o fogo santo o menos enfezado?

Ordenava a Lei divina ao sacrificador hebreu, e egualmente o ordenavam os ritos da gentilidade ao sacrificador pagão, que não immolasem victima, que não fosse de uma só côr, sem senão, e de inteira virgindade. Se um culto é coisa de utilidade no mundo, estas e semelhantes providencias são, no culto, philosophia.

*

Humilde e pobre nasceu o Christianismo. Os primeiros sacrificios incruentos, celebrados sob os pés, danças e festins, de Roma luxuriosa, nas entranhas das catacumbas, foram necessariamente sombrios e austéros como o logar onde passavam.

As artes, ainda não baptisadas, ainda não desperfilhadas pelo velho Apollo, não ousavam a descer das thermas, dos paços dos Imperadores, dos triclinios dos Lucullos, dos pórticos dos passeios, dos theatros, e do Capitólio, para um mundo desconhecido ao

sol, vedado ás delicias, e onde o pensamento da morte, que na lyra de Anacreonte e de Horacio só tivéra uma corda para maior realce de todas as outras cordas de oiro, consagradas ao praser, era o unico pensamento, assim do velho já descoroado de cans, como da mãe, que dava o peito ao seu primogénito, como da virgem, para quem o dia do amor já vinha alvorecendo.

Aquellas cavernas immensas não conheciam mais architectura, que a de sua origem casual. Os braços dos artífices romanos, que d'ali, por decurso de seculos, haviam arrancado todo o marmore, que lá em cima, em Roma, se chamava cidade, ruas, palacios, fontes, templos, colliseu; esses braços de artifices já mortos e esquecidos, tinham estado a preparar, sem cuidal-o, o primeiro templo para a futura Religião, e o gôlphão, em que o seu triumphante polytheismo se havia de subverter. A escultura não tinha ainda que embellezar em tal recinto. Os Santos, que o seu cinzel depois havia de affeiçoar para a veneração dos Fieis, esculpia os então no vivo a palavra de Deus. Os Santos eram os mesmos, que vinham chorar e orar aos pés de uma Cruz informe, e receber o Baptismo, que do Baptismo caminhavam alegres para o carcere, do carcere cantando para o martyrio, e do martyrio voltavam, furtados e trazidos pelas trevas da noite, para dormirem nas da catacumba o seu ultimo somno, por baixo dos joelhos e ao som dos suffragios de seus irmãos.

¿Que podia a pintura executar sobre a tela, que egualasse estes paineis vivos? ¿Que

diria a musica mais affectuoso, mais incisivo, mais celestial, do que todo aquelle concento de orações tão fervorosas, do que essas vozes de Paulo, que descia a confortal-os com a sua ungida eloquencia de convertido, ou de Pedro, o velho Pontifice descalço, que ia derramar entre elles as piedosas querellas da sua penitencia?

Toda a poesia estava ali; mas era a poesia da Natureza modificada pela Fé, e de nenhuma sorte a da Arte, que nem o logar, nem o tempo, nem as circumstancias, o consentiam.

Quando chegou a estação designada pela Providencia, para que d'estas raizes subterraneas, encorpadas e extendidas pelo tempo, rebentasse aos olhos do sol a verdadeira arvore da *vida* e da *sciencia*, o Christianismo, viu-se esta altear-se de repente, como attrahida pelo Ceo para onde apontava, bracejar ramadas de abrigo para todos os quatro ventos.

A' sua sombra mystica a terra, fecundada com sangue virtuoso, produziu balsamos para todo o genero de dores. O Amor, e as Graças dos antigos Gregos se fundiram n'uma entidade nova, e mais bella, e mais fecunda, e immortal, a Caridade; poetico sentimento, que antecipa as deleitações futuras, sentimento infinito, que não só abraça ao orbe com todos seus habitantes, e a immensidade dos Ceos com todos seus triumphadores, mas ao proprio Deus, de quem procede e em quem reside, o abraça.

Desde então, não podia o culto continuar a permanecer na desnudez de sua infancia.

O poder e os bens da terra pertenciam aos christãos. Nem Jupiter Stator se podia já levantar contra os progressos caudaes da nova crença. Os deuses, como os Césares, tinham-se mergulhado para sempre no horizonte. Dos paços imperiaes sahiam os editos da oração sellados com o anel do pescador; e nos templos, varridos das cinzas das victimas, e abluidos das devassidões pela agua lustral da Egreja e dos olhos dos Fieis, celebravam-se os mysterios ineffaveis, prégavam-se as verdades que humanisam, as esperanças que fortalecem e consolam.

*

A gratidão, a razão, o instincto, a propria reminiscencia das festas pagans, deviam reconduzir para ali as artes; o contrario haveria sido recusar ao Creador Universal, já conhecido, a homenagem do que Elle havia creado mais bello, mais sobrehumano, e mais seu. Mas as artes, obrigadas a servir por largos seculos nas profanidades, careciam de regeneradas; necessitavam de esquecer muito, e de aprender muito mais. Era trabalho tambem para seculos; mas tinha de ser feito; e pouco a pouco o foi.

Appareceu uma architectura nova, uma pintura nova, nova estatuaria, nova eloquencia, nova musica; n'uma palavra: nova poesia.

Infelizmente a Arte (já o dissemos) tem no seu ser uma porção terrestre e bruta, que é tambem nossa, e que, ainda nos seus mais sublimes vôos, muitas vezes a faz des-

cahir, rojar pelo pó, e enxovalhar as suas azas candidissimas de Cherubim.

As artes, de que se fez cortejo ao culto christão, nem sempre foram severas como elle, e impeccaveis como o seu alvo.

Mas apartemos as outras, por evitar prolixidade, e reduzâmo-nos á musica.

*

Podemos suppôr, sem temeridade, que seria a musica da Egreja, nos seus primitivos tempos, mais uma declamação pausada, e affectuosamente accentuada, propria para exprimir affectos intimos, e facil para que todos a podessem executar, do que não um jogo artificioso de notas e compassos, para ostentar primores de harmonia; o mesmo, pouco mais ou menos, que ainda agora julgamos sentir em alguns trechos, de immemorial antiguidade, cantados pela Egreja.

A primeira intenção dos Prelados santos, introduzindo aquella sombra de musica, deveu ser, além da imitação do culto hebreu, de que o novo era successor, e herdeiro em muita parte, a necessidade de reunir, sem confusão, todas as vozes dos supplicantes, e multiplicar-lhes, pela conformidade material, a sua força actuante sobre os animos dos assistentes.

A' proporção que o primevo fervor foi descahindo, e a ambição sacerdotal (pode ser que louvavel) conquistando, e desejando sempre, novos meios de attrahir respeitos e admirações, foram-se-lhe as artes obsequiosamente transformando ao sabor das turbas; e a musica, como de todas a mais po-

pular, foi-se arrebicando com as joias que mais garrida a faziam no mundo, para ir suscitar, aos pés do Santuario, namorados louvores de formosa.

Antigo, e antiquissimo, é já no mundo este abuso; mas tão antigas como elle são as reprehensões, que a propria Egreja, sua victima, lhe tem sempre dardejado pela voz dos seus mais dignos intérpretes.

Em muitos volumes se podéram confiar os documentos que o provariam. Citaremos poucos; e serão unicamente os que, sem o tédio de esfolhear livrarias, se nos apresentarem primeiros á memoria.

*

S. Paulo, escrevendo aos Colossenses, havia dito:

In gratia cantantes in cordibus vestris Deo.

Este «cantar em graça», e «cantar no coração a Deus», foi o thema, que, depois d'elle e até hoje, desenvolveram e explanaram todos os oráculos, doutores, e partidarios das sans doutrinas.

*

No ultimo quartel do 2.° seculo escrevia S. Clemente Alexandrino no capitulo IV do Livro II do seu *Pedagógo*:

«Casta e modesta seja a harmonia que entre os christãos se ha-de escutar. Nunca ahi ressôem aquelles cantares molles e affeminados, que de suas inflexões ternas e languidas estillam e côam para a alma indolencia e mollicie. Deixae-me a musica chromatica para os voluptuarios, a quem o vinho desafóra, que se corôam de flores, e se deliciam de estar sorvendo pelas orelhas as cantilenas, com que mais se querem as mulherinhas de perdição.»

Este homem, que foi um dos luminares da Egreja, fôra das escolas platónicas ornamento preclarissimo.

* •

Pelo meiado seculo IV punha S. Jeronymo, no seu commentario da *Epistola aos Ephésios*:

«Cantar, tocar, e louvar ao Senhor, mais por espirito o devemos fazer, do que por vozes. Assim o quer significar aquillo das Escrituras: *cantando e tocando nos vossos corações ao Senhor*. Escutem isto os meninos dos córos; escutem-n-o os que teem officio de tocar na egreja. A Deus não se ha-de cantar com a voz, se não com o coração. Não ha que andar temperando a garganta com medicamentos doces, como fazem os actores, para se virem a ouvir no templo arias e requebrilhos de fala theatraes. Para aqui só veem cabidos temor de Deus, diligencia de boas obras, sciencia das Escrituras. Cante o servo de Christo, por modo que não seja a voz do cantor a que agrade,

mas as palavras que vai lendo; a fim de que o espirito maligno, que tirannisava a Saúl, se expulse dos ouvintes que d'elle andarem tambem avexados, e se não chegue a introduzir n'aquelles, que da casa de Deus pretendem fazer um pateo de comedias para populacho.»

*

Pelos mesmos tempos, o illustre Doutor da graça, Santo Agostinho, discordando de Santo Athanasio, que de todo condemnava o instrumental nos templos, e affirmando que «a boa e conveniente musica tinha a virtude de alçar os corações abatidos, das inclinações terrenas para os affectos nobres,» —chorava comtudo, entre as suas iniquidades de mundano, a de se ter deixado entrar de profanos abalos ao ouvir n'uma egreja umas certas melodias.

*

No principio do seculo XIII, S. Thomaz convinha na musica; achava a sua introducção um instituto profícuo, mas limitava-a definindo-a:

«Venha o canto aos louvores divinos, porém venha para que os animos dos tibios mais se concitem para a devoção.»

*

Por meiado seculo XVI, S. Carlos Borromeu prohibiu no seu Bispado de Milão todas as musicas tirantes a lascivas; e de to-

dos os instrumentos, só ao orgão perdoou na sua Sé.

*

O doutissimo Feijóo, um dos mais relevados brasões litterarios da benemérita e sempre saudosa Ordem Benedictina, lança no seu *Theatro critico* um copioso e profundo tratado, contra o abastardamento da sagrada musica pelos enxertos theatraes, affeitados e ridiculos, que no seu tempo lhe mettiam em Castella:

> «El que oye — diz elle — en el Organo el mismo Menuet que oyò en el Sarao, ¿ què ha de hacer sino acordarse de la dama con quien danzò la noche antecedente? De esta suerte la Musica, que havia de arrebatar el espiritu de el assistente desde el Templo terreno al Celestial, le traslada de la Iglesia al festin.»
>
> ....
>
> «¿Què oìdos bien condicionados podràn sufrir en canciones sagradas aquellos quiebros amatorios, aquellas inflexiones lascivas, que contra las reglas de la decencia, y aun de la Musica, enseñò el Demonio à las Comediantas, y estas à los demàs cantores?»
>
> ....
>
> «Aun à los mismos Instrumentistas al tiempo de la execucion, los provoca à gestos indecorosos, y a unas risillas de mogiganga. En los demàs oyentes no puede influir sino disposiciones para la chocarreria y la chulada.»
>
> ....
>
> «No sonò tan mal la cythara de Neròn, quando estaba ardiendo Roma, como suena la harmonìa de los bayles, quando se estan representando tan lugubres mysterios.»

*

O nosso, tão erudito quão piedoso, mestre de virtudes e linguagem, Padre Manuel Bernardes, invectiva egualmente este genero de impiedade, que já tambem no seu tempo vinha picando por entre nós. Oiçâmol-o:

«Emende-se o introduzir nos córos sagrados as chulas, sarabandas, e outros tonilhos do theatro profano; e advirta-se que para a casa de Deus só é decente o que é santo. *Domum tuam decet sanctitudo.*

. . . .

«Assim como o canto grave e devoto ajuda a levantar o espirito, gerando n'elle bons pensamentos, e saudades da Patria Celestial, e por isso se usa nas egrejas entre os divinos Officios, assim as sarabandas, e modos mui festivos e picados, o distrahem, afeminam, e corrompem; e por isso se usa nas comedias, nas ceias nupciaes, e nas musicas e descantes, dos que de noite fazem pé de janella, para os fins com que a mocidade os inquieta. Mas ¡prouvéra a Deus, que d'estes logares não tivera já passado alguma coisa tambem ás egrejas!

. . . .

«As que teem trato meretricio desejam aprender musica, para combaterem os animos com armas dobradas: pelos olhos, e pelos ouvidos.

. . . .

«Lembra-me o que o veneravel Padre e insigne martyr, Marcello Mastrille, da Companhia de Jesus, refere, em uma carta sua,

de um certo genero de armas que usam os Moiros de Mindanao (é uma das onze mil Filippinas); e são umas settas mui pequeninas e miudas, a que chamam *sompites;* e onde se pregam, como são hervadas, matam certamente, se logo se não acode com contra-peçonha. Taes me parecem estas cantigas.......................................
São breves, e hervadas com o conceito lascivo que encerram; atiram-se com o sôpro ou alento da voz que canta; prégam-se na memoria pelo consoante do verso, e corrompem o coração pelo mal a que o provocam.»

Allude o autor, n'este ultimo trecho, não ás musicas de egreja, porém aos *ditados* de significação torpissima, mettidos cada um em sua trova, que os moços cantavam de noite pelas ruas. ¿Que diria o bom do Padre, se vira que em musicas de egreja se mixturam trechos, que, porque se decoraram n'um dos mais devassos theatros da Europa, veem logo recordando eguaes *ditados*, ou *trovas*, ou *sompites* de obscenidade?

*

N'uma das mais importantes obras impressas em Italia n'estes ultimos annos, que é o tratado de *La Religione dimostrata e difesa da Monsignor Alessandro M. Tassoni*, diz seu autor:

> «Non sono io punto indulgente sulla osservanza delle feste. Non dissimulo le attuali profanazioni, gli scandali, che da taluni si danno, cui i santuarii servono per teatro, le funzioni sacre per divertimento e per ispasso. Ne son

dolente vi si ponga riparo; lo chieggo anch'io. Concorrano e l'ecclesiastica e la secolar potestà, si uniscano, proveddano, affinchè le feste sieno santificate, e se ne ritrarrano frutti ubertosi.»

*

Estamos cançados de transcrever; e ainda nem sequer encetámos o mais importante: as autoridades dos Pontifices, e dos Concilios; dos Pontifices, muitos dos quaes prohibiram que, sem especialissima permissão, se tocassem outros instrumentos nas egrejas de Roma afóra o orgão, nem outras musicas afora as musicas approvadas; conformando-se com aquelle sabido dysticho:

Non vox, sed votum, non chordula musica, sed cor,
Non clamans, sed amans, cantet in aure Dei;

e dos Concilios, em alguns dos quaes se estatuiu, por diversas palavras, o mesmo que se repete no de Trento (Sess. XXII):

«Musicas eas, ubi sive organo, sive cantu lascivum aut impurum aliquid miscetur, arceant, ut domus Dei vere domus orationis esse videatur et dici possit.»

Por isso o illustrissimo ornamento d'aquelle Concilio, o nosso D. Frei Bartholomeu dos Martyres, manteve sempre no seu Arcebispado a mais severa sobriedade n'esta parte, deixando n'isso, como em tudo, exemplo e documento a Prelados, que alguns da nossa terra, varões apostolicos, não deixaram de seguir, taes como, em nossos dias, o Bispo *unico* do Algarve, D. Francisco Gomes do

Avellar, que nem á musica marcial concedia ingresso nas egrejas.

*

Aqui julgarão os adversarios poder dar-nos de rosto, argumentando que mais atinados andam logo no culto os protestantes, que o desenfloram de todo o genero de deleites em que os sentidos se apascentem. Erro, e grande erro.

Se fôram puros espiritos os homens, nenhuma duvida ha, que só de actos intimos se composéra a adoração; mas na terra, e de terra, hão mistér de os modificar segundo a sua propria natureza, de ajudar a rasão pela phantasia, e a phantasia pelos sentidos.

A vastidão, as sombras, as formas symbolicas do templo, dispõem para as ideias de uma região invisivel e ignorada. As Imagens, esculpidas ou pintadas, como que revelam uma companhia futura para lá dos hombraes do sepulcro, onde o terror do vivente não descobriria senão solidão e desamparo, e presentam ao mesmo tempo, e sem demora nem exforço, os exemplos praticos das virtudes.

A donzella, que no martyrio canta, em quanto seus algozes estremecem do que estão fazendo, é uma demonstração instantanea do que pode e vale a Fé, mais incisiva que a licção de um grosso volume sobre o mesmo assumpto.

S. Martinho, despindo-se para cobrir o pobre, convence mais, que dez sermões de caridade.

A Mãe de Deus, sorrindo amores d'alma para o Filhinho que lhe poisa no braço, e tem na sua mão pequenina o mundo como um brinco, revela pelos olhos um oceano de mysterios.

Finalmente, a musica mesma, e a excellente musica, não é inutil, e, muito menos, prejudicial. Ella attrai, como um chamamento inarticulado, o esquecido, ha annos, dos altares. Cede elle ao invite do praser, ou á necessidade de experimentar novas sensações; e talvez já aquem do limiar o espera a graça, e escreve nos seus fastos mais um apoz tantos milhares de triumphos.

Ao que entrou, ainda agitado dos negocíos temporaes, a musica apasiguará por ventura essa perturbação, como a réstea pura do sol aquece e aviventa ao naufrago, arremessado pelo rôlo marinho ao areal de uma praia salvadora.

O tíbio, finalmente, recebe com o choque d'aquelles sons, em que respira o que quer que seja de maravilhoso e solemne, o excitamento que pelo enthusiasmo conduz á Fé, pela Fé á Oração, pela Oração á Esperança, pela Esperança á alegria, pela alegria ao amor das creaturas e do Creador.

Não; nenhuma das artes é contrária, se não que todas ellas conspiram para o fim religioso; mas para isso é necessario, indispensavel, e urgente, clarifical-as de tudo que no commercio da vida material contrahiram de baixo, de sórdido, de vicioso, de improprio e indigno da sua indole espiritual, de repugnante, em summa, ao Bello, que é o Sol em torno ao qual todas ellas devem, como

planetas doirados, descrever de continuo as suas ellypses.

Não são isto fanatismos ascéticos; não é mistér theologia ou virtude, para reconhecer uma coisa, que a philosophia... (¿que digo a philosophia?) que o simples discernimento está ditando. Os Gregos, filhos de uma religião toda ridente e florígera, os Gregos não confundiam a musica de seu culto com as de suas outras festas: nos theatros e recreações, a amorosa e lasciva; nos sacrificios a grave, a majestosa. E, se houvermos de dar fé a Plutarcho, nas edades antiquissimas era a musica reservada só para os templos.

*

E pois que falámos em Gregos, uma ponderação se pode fazer em favor da nossa doutrina, que de nenhum homem lido será impugnada; e é: que estas intrusões de tonilhos de scena e sarau nas egrejas enfraquecem o gosto da musica ancianissima usada n'ellas, e deitam a perder, por quatro garganteios de arias, que passados poucos annos já são velhas, defuntas, e esquecidas, os effeitos das singelas e tão cordeaes toadas, que o verdadeiro culto ainda conserva, herdadas (segundo se presume) dos Gregos.

O *cantochão* é ainda um monumento, posto que desfigurado por mãos barbaras, graciosissimo, da musica d'aquelles povos, com rasão respeitados por mestres da posteridade.

¡Quem sabe quanto das odes de Pindaro, e das tragedias de Sóphocles e Eurípides,

não estamos ainda ouvindo, sem o cuidar, convertido e accommodado ás sublimes palavras das nossas solemnidades, sem extranhezas, nem escandalo, porque o seu caracter é serio e profundo, e as suas primitivas relações esquecidas!

Mas o cantochão, canto firme, ou canto coral, que é, ainda agora, o unico permittido na egreja de S. Pedro em Roma, como tambem em muitas Ordens religiosas mais severas, e em Lisboa na exemplarissima casa dos Inglezinhos, independentemente d'esta consideração archeologica tem por si mesmo com que se exalte, por cima de todos os prodigios das diversas escolas musicas.

¿Onde se compôz jámais sonata ou aria, que, ouvida de dia a dia, desde o primeiro até o ultimo da existencia, podesse deixar de aborrecer? em quanto, executado com a devida pausa e gravidade, excita o cantochão todos os affectos que no templo são devidos, sem despertar nenhum dos que perturbam ou desvairam o coração.

Escutae a majestade sonora do hymno *Vexilla Regis prodeunt;* sentis-vos assoberbados de veneração.

Ouvi o *Pange, lingua, gloriosi.* ¡Que gravidade festiva!

Engolfae vos no Invitatorio dos defuntos. ¡Que lutuosa ternura! ¡que lástimas! ¡que saudades! ¡que medicinal terror! ¡que desenganos do pó! ¡que desejos e reflexos da Patria!....

Dizei-me: ¡Que *Normas*, que *Montecchios*, ou que *Guilhermes Teis*, revestindo

as palavras de Jeremias, houveram jámais sabido inspirar ao nosso poeta [1] aquelle quasi divino seu canto da Semana santa, qual lh'o inspiraram, na HARPA DO CRENTE, as maviosas toadas das Lamentações, exhaladas com todo o seu perfume antigo dos peitos dos Eremitas de S. Paulo, ao som do orgão, e pairando pela altura sombria das abóbadas sobre o povo, como um sentimento de verdadeira dor, que foge da terra, onde só mora o desconsôlo, e remonta para se ir refrigerar na luz do Empyrio!

*

Conhecemos a nossa edade. Não pedimos, nem desejamos, impossiveis. Nenhuma coisa pode parar, quando todas as do mundo caminham, sob pena de ser conculcada e destruida.

Conservem-se pois, ou antes vão-se revezando (que nenhuma d'ellas é permanente) as musicas modernas para atavío das solemnidades catholicas; mas sejam, em logar das profanas e profanadas, as que para este grande fim nasceram de grandes engenhos. Não ha difficuldade em as achar; em as escolher, sim, que a poderá haver.

E não é mistér sahir de casa para acharmos taes riquezas. No genero sacro, em que o proprio Rei, o senhor D. João IV, não desdenhou de ser autor, e o foi excellente, como provam suas obras, tivemos: João

[1] Alexandre Herculano.

NOTA DOS EDITORES

Cordeiro, João de Sousa de Carvalho, José Joaquim dos Santos, José do Espirito Santo, Luciano Xavier, Antonio Leal Moreira, Marcos Antonio Portugal, João José Baldi, José Mauricio, Joaquim Cordeiro Galão, Frei José Marques, Vicente Beltrão, João Evangelista Pereira, João Domingos Bomtempo, Frei Manuel Elias, e ¡quantos outros!

O cartorio da Bemposta, na Ajuda, e o da Patriarchal, na Sé, guardam uma quantia immensa de solfas, perante as quaes (até musicamente consideradas) são os *vaudevilles*, as operas lyricas, e as operas tragicas, uns *ricos feitios* riscados com um carvão por um rapaz de escola, em comparação dos paineis de Grão Vasco, de Sequeira, ou de Fonseca.

¿E estarão no sepulcro todos os nossos compositores de egreja? Ahi andam, vivos e sãos, Eleutherio Franco Leal, Antonio José do Rego, Fortunato Mazziotti, Antonio José Soares, Joaquim Casimiro, Antonio Miró, Francisco Pinto, Manuel Innocencio dos Santos, Francisco Xavier Migoni, Mathias Jacob Osternoll, Antonio Leite, etc., etc.; e mil novos poderiamos ainda ter, se, em vez dos sacrilegos *Dominós* e *Robertos*, se não quizessem para o culto senão adornos artisticos nobres, dignos, e proprios d'elle.

*

Impio e absurdo chamámos a este costume. Confirmamos a affirmativa: absurdissimo é, e impiissimo.

Os chascos e truanices dos *autos sacramentaes* e *mysterios*, consentidos por nossos

avós nas solemnidades, tinham ao menos por desculpas a rudeza e grossaria do tempo, de que elles mesmos eram prova, e a generalidade e inabalavel firmeza da Fé que então reinava; e se eram toscos, e ás vezes desenvôltos, não eram, pelo menos, recheados de torpezas systematicas, e tentações estudadas e calculadas a sangue frio.

O theatro e o templo podiam ainda então andar, como quer que fosse, mixtos; a comedia vir á egreja sem intenção de desacato; as vidas dos Santos, a Annunciação da Virgem, e os Passos da Paixão, representar-se nos *pateos*, sem perderem ponto de seu apreço no conceito do povo. ¿Mas será hoje assim? Todos sabem que não.

As coisas santas, levadas para o tablado, vão para ahi como nos seculos da perseguição iam as moças christans, e futuras martyres, mandadas pelos tirannos para os prostibulos: para soffrerem a ignominia antes da morte; e as obscenidades das operas acodem á casa de Deus, sob o pretexto de a honrarem, como certas rameiras se fingem donas honestas para lograrem entrada com as innocentes, e conduzil-as insensivelmente á perdição.

Entretanto (devemos ser justos) mais sem desculpa é a invasão do theatro na egreja, do que o forçamento da egreja para o theatro.

O drama, ainda poderá defender-se dizendo que todo o mundo material, moral, e intellectual, é seu dominio; que de quanto existe, existiu, ou pode existir, saca para seu uso o que lhe convém. Mas a casa d'O que disse — *O meu reino não é d'este mundo*, e *Domus mea domus orationis*, não pode

consentir em ser tão brutalmente violada. A seus Prefeitos corre a obrigação de a desenxovalharem. Ousem, que o podem, extirpar com mão robusta estas plantas parasitas, que já se querem ir arraigando pelas descuidadas fendas do edificio religioso, para ajudarem a o fazer ruinas.

Falâmos aos cabeças de confrarias, collegiadas, e mosteiros; falâmos principalmente aos Parochos, a quem se não poderá negar direito para examinar o prospecto de cada funcção que em sua respectiva egreja se projecta; e, sobre tudo, aos Pastores maximos, aos Bispos, nos dirigimos, que devem no pasto desviar suas ovelhas d'onde ha precipicios, hervas ruins, ou nas hervas innocentes algumas viboras sollapadas.

Nas cidades grandes, e especialmente na côrte, é que o perigo mais aperta, e mais irremissivel fica sendo a incuria do Pastor. O nosso é, por fortuna, piedoso e sabio; como piedoso, deve doer-lhe o damno; como sabio, deve escandalisal-o o absurdo; como forte, com sua autoridade deve forçar os profanadores a submetterem-se ás decisões dos Doutores e Padres, dos Concilios, dos Pontifices, e das Escrituras; e ou nós o não conhecemos, ou é indubitavel que o fará.

*

Queremos o Christianismo e o seu culto (entenda-nos bem, se pode, o correspondente do *Portugal velho)*; queremos que as artes se esmérem todas em magnifical-o, mas que não assumam para com elle uma familiaridade proterva.

¿Quem perdoaria ao architecto o edificar para tabernáculo uma sala de bailarins? ¿ao pintor e ao estatuario o guarnecel-o de Dânaes e Ledas? ¿á oratória sacra o commentar desde o pulpito os tres livros da *Arte* de Ovidio, ou o *Systema das leis da Natureza*, de Holbach? Pois tão intoleravel como sería a tolerancia de taes monstruosidades, é a que o nosso adversario (posto que nem elle mesmo o ouse confessar claramente) professa para com as devassidões, que na musica havemos reprehendido.

«Não approvâmos, nem inculcâmos, as musicas theatraes nas egrejas» — diz elle.

Sic vivas ut farina es lhe respondemos nós.

O *«e todavia»* que segue, e o todo da sua carta, bem lhe estão descobrindo as orelhas.

Tenha paciencia; é uma causa essa perdida, e perdida sem remedio, como o serão provavelmente quantas por um tal patrono se defenderem.

Não julgâmos por agora necessario accrescentar mais nada na materia.

*

Podem desatar outra vez o padecente; levem-n-o, sem tirar lhe ainda a sua mascara, para o hospital a curar das feridas.

De hoje a oito dias, é sobre o palanque, ou tolónio, que ha-de acabar queimado; e nem o *Portugal velho*, se o é, como cremos, se dignará de lhe defender as cinzas do desprezo merecido.

(*Rev. Univ.*)

LXII

REVELAÇÃO DE UM TALENTO ARTISTICO FEMINIL

(Janeiro de 1843)

Todas as bellas e boas Artes pertencem por direito da Natureza a ambos os sexos. Se o homem excede talvez na invenção, na hardideza, na perseverança, a mulher sobreleva sem duvida no aprimorado, no bom-gosto, na graça. Graças e Musas, não sem rasão as fizeram damas aquelles bons dos Gregos, engenhosos fabuladores de realidades.

Ha porém entre as Artes, filhas do desenho, umas, que por seu maior pezo parecem menos proprias do que as outras para mãos delicadas e melindrosas. A Pintura alardeia em toda a parte, e até em Portugal, catalogos de cultoras suas mui distinctas; em quanto a Architectura de nenhuma talvez se gloría, e a Escultura de pouquissimas.

Eis aqui por que o exemplo que vamos citar se torna muito mais digno de attenção, e inteiramente levará as admirações quando

accrescentarmos, que a escultora portugueza, e ainda viva, de quem assentamos registo, não conhece o desenho, e foi discipula de si mesma.

Na cidade do Porto nasceu aos 5 de Julho de 1790, e n'ella vive, a senhora D. Maria Margarida Ferreira Borges. Mostrou-se desde o principio modelo não menos de virtudes, que de prendas e talentos. Era adorada na familia, festejada na sociedade, e havida por todos como espirito bem nascido e bem fadado; mas a sua predestinação verdadeiramente gloriosa, essa (¡ ainda mal !) ninguem, nem seus paes, nem ella, a adivinharam a tempo de se cultivar para vir a dar todo o seu fruto.

¡ Que dons de Deus se não mallogram por estas terras feracissimas de Portugal ! ¿Quando será que a civilisação as acabe de desbravar ?

Foi o acaso quem, já em annos crescidos, descobriu por um vislumbre o diamante desconhecido.

Achava-se na cidade seu irmão, o Conselheiro e eminente jurisconsulto, philosopho, e legislador, o nosso chorado amigo o snr. José Ferreira Borges. Quizeram os seus conterraneos honrar-se, tributando-lhe publicos testemunhos da grande e justa conta em que o haviam : fundaram uma rua com o seu nome ; ordenaram se esculpisse o seu retrato. A cidade acabava de ganhar pelas armas o titulo de *eterna ;* quiz enflorar o seu laurel, mostrando-se apreciadora e premiadora dos serviços e meritos da paz.

O artista, a quem se deu a lisonjeira pre-

ferencia, entendeu logo em se desempenhar d'ella com o maior affinco, e conseguiu-o com felicidade.

Assistiam ás sessões do retrato a esposa e a irman do sabio. Dizem artistas, que, para se bem sahirem d'estas obras de copia, se ha de mistér que o original esteja esquecido de tudo, contente, e com toda a alma desabrochada no semblante. Não podia cooperar na obra sociedade mais efficaz para esse fim. Sua irman e sua esposa eram as unicas duas rivaes, que a Sciencia e a Patria poderiam jamais ter no coração do grande Homem.

Notava a senhora D. Maria Margarida o olhar, os meneios, o estudo, as incertezas, os toques, as correcções, do professor. O seu espirito andava todo na obra; sentia raiar por dentro uma luz nova; já na phantasia estava esculpindo e retratando. Acabado o trabalho, apartava-se com sua irman, e com ella a sós, em um camarim bem fechado, se detinha em secreto commercio de horas.

Suscitou curiosidades o mysterio; pouco tardou que se descobrisse: a mulher de seu irmão estava, como elle, retratada em um formoso busto de barro. Era tentativa, e era triumpho.

Resistia o acanhamento da autora a que lh'o vissem mais olhos que os de seus intimos. Foi vencida, e devia sel-o. Chama-se o artista; entra no aposento; avista aquella semelhança tão viva e natural; pergunta pelo *mestre*, que tão bem surtiu na diligencia; amostram-lhe a que nem sequer era *discipula;* sorri; duvída; assombra-se de ouvil-a

confessar; pede-lhe que modéle na sua presença; resolvem-na; convenceu-se.

Tudo ali vinha prodigioso: não só o desenho lhe era desconhecido, se não que os proprios paus-de-modelar lhe falleciam. O instincto lhe supria as regras; a invenção lhe fabricára os instrumentos; os dentes de um pente de tartaruga tinham sido por ella affeiçoados com o auxilio de uma lima, segundo que iam no trabalho occorrendo as necessidades. Entre estes improvisados utensís, alguns havia de nova feição, e desusados préstimos, que o artista, depois de os admirar, imitou, introduziu, e conserva no uso da sua officina.

Desde então nunca mais ella desamparou a sua querida escultura. Os louvores que todos os artistas (não ha invejas para damas) lhe liberalisavam, lhe converteram o recreio em paixão; e n'isso tem posto quantos dias e horas o incerto e melindroso de sua saude lhe deixa livres.

São as principaes de suas obras:

o busto de sua cunhada, a senhora D. Bernarda Candida Ferreira Borges;

o do senhor Duque de Bragança, que se conserva com a devida estimação em poder de sua Augusta Viuva, a Imperatriz;

os de suas duas primas, D. Margarida de Moura Miranda, e D. Joanna de Moura Velloso;

o do Dr. Miranda;

o do nosso principiante e já illustre artista o snr. Luiz Pereira de Meneses;

e, como sua obra prima, o de seu fallecido e deplorado irmão o snr. José Ferreira

Borges, a quem era extremosamente affeiçoada.

Consta-nos que, violentando a modestia, que é o realce de todas as prendas d'esta senhora, alguns amigos de sua familia forcejam, para que a Academia das Bellas Artes de Lisboa dê um novo e galhardo exemplo de cortesia para com os talentos feminís, expedindo lhe diploma de *Academica de merito.*

Não queremos citar o que outras Academias extrangeiras teem feito em favor de artistas mulheres, porque não desejamos que se attribua a imitação o que não deve ser senão motu-proprio e generoso impulso, digno de almas consagradas ao culto do Bello, como são as de todos aquelles, que de veras nasceram para as Artes.

Ainda que um tal galardão se não houvera jamais concedido, para este caso se devêra elle inventar. Não estamos hoje tão ricos de esplendores, que hajâmos de esperdiçar os que se offerecem. Dê-se ao menos esta póstthuma recompensa ao nome de um Sabio, cuja gloria assim deu occasião a que nascesse a de uma Artista.

(*Rev. Univ.*)

LXIII

ORTHOGRAPHIA

(Janeiro de 1843)

Domingo 15 se reuniram, a rogos do snr. Pereira Marecos, dignissimo Administrador da Imprensa Nacional, na livraria da mesma, alguns dos litteratos distinctos, que se acham empenhados em regularisar a Orthographia portugueza; necessidade por todos sentida e confessada, e tanto mais vergonhosa, quanto é já hoje esta a unica Lingua do mundo que a padece.

Sahimos d'aquella primeira conferencia persuadidos, de que emfim este problema, havido por insoluvel, poderá chegar a desatar-se.

Assentados os fundamentos da Orthographia no *uso*, *analogia*, e *etymologia*, tratarão os collaboradores de ir afferindo cada uma das palavras do vocabulario pelos principios, ou regras geraes, em que houverem concordado, e registando-as por sua ordem alphabetica, á proporção e do modo como se fôrem approvando.

Este pequeno vocabulario, sem definições, e o mais completo que fôr possivel, será estampado pela mesma Imprensa Nacional para uso seu e de todas as outras que desejem adoptar o novo systema. Alguns redactores de jornaes, e muitos litteratos (e dentro em pouco serão todos os litteratos e todos os redactores), abraçarão, provavelmente sem restricções, um methodo que, ainda quando em um ou outro ponto discrépe de suas ideias particulares, tem comtudo a immensa vantagem de nos reunir a todos n'esta parte.

E' de crer, que o Governo não tardará em contribuir para este fim, ordenando que nas Secretarias de Estado, e mais repartições suas dependentes, se rejam por este novo diccionarinho, como d'antes se governavam pelo Madureira; e insensivelmente a Orthographia portugueza apparecerá uma e determinada.

(*Rev. Univ.*)

LXVI

PEQUENA AMOSTRA DE UMA RESPOSTA GRANDE

(Fevereiro de 1843)

Pompas mundanas nas egrejas

IV

Provámos que não cabia na egreja a musica profana. Provaremos agora que tão pouco cabem n'ella as pompas dos magnates seculares.

Em termos cortezes o haviamos affirmado, quando, em uma festa religiosa, se viu uma Princeza levantada como tropheo na casa de Deus. Cuidavamos, que, já que a servilidade não pode repetir expressões livres. saberia pelo menos calar quando as ouvisse. Não foi assim; falou a servilidade pela bocca da sandice, e gritou:

que á alta cathegoria da Princeza era devido aquelle logar; que essa tribuna, que nos escandalisára, fôra imitada exactamente da que se costuma armar para a Rainha e

Familia Real na Sé, em S. Domingos, S. Vicente e mais egrejas; com a differença de ter menos da metade d'estas; e concluiu perguntando: por que rasão nos não tinhamos levantado contra esses palanques da cathedral, onde *só Deus é Grande.*

Ha em tão poucas palavras um paralello, pelo menos temerario, e duas mentiras atrozmente calumniosas.

Responde-se ao paralello:

Na jerarchia social não ha quem se compare com a Cabeça do Estado.

Responde-se á primeira mentira:

O cadafalso armado para a Princeza não era (principalmente medindo-se a sua monstruosidade pela pequenez do templo onde torreava) menor, se não maior, que o da Rainha.

E responde-se á segunda mentira:

A nossa opinião quanto a esses da Rainha, claramente a haviamos tambem manifestado n'aquelle proprio artigo e paragrapho, que o miserrimo tinha diante dos olhos, por estas formaes palavras:

«O tabernáculo é quem veda que os não canonisados, e ainda vivos, Reis e Imperadores que sejam, campeiem ahi, como quem domina por cima das cabeças dos Bemaventurados.» etc.

Mas não commentemos o paralello, nem nos detenhâmos com a primeira mentira. Que fosse esse throno de Princeza, maior, egual, ou menor, que outro de Rainha; que entre Rainhas e Princezas deva, ou não, haver differenças; pouco nos importa aqui.

O nosso unico assumpto hoje é provar,

que, não havendo na casa de Deus Rainhas nem Princezas, tambem não pode haver n'ella estas excellencias de logares.

Trataremos a questão em these; a nenhuma pessoa em particular nos referimos, como tambem a nenhuma absolutamente exceptuamos.

*

Duas vidas se vivem ao mesmo tempo na sociedade: uma publica, devassada dos olhos, ouvidos, e juizos de todos; outra intima, que, semelhante ao fundo dos gôlfãos e vulcões, só de cima se descobre.

A primeira, feitiça, composta, dependente, e sujeita, é muitas vezes diversa e contraria da segunda.

Ha em cada um de nós, e trabalham simultaneamente, dois homens: o natural, e o social; não falando no homem religioso, ou consciencia, que domina e julga a ambos. A vontade e as obras tão a miude disparatam, que, se Deus n'uma hora nos tornasse transparentes como o crystal, e visiveis dentro os nossos pensamentos e affectos, nenhum espectaculo seria mais horrivel.

Dois codigos eram logo necessarios, que regulassem, um o viver publico, outro o viver secreto. Aquelle, fazemol-o e refazemol-o nós mesmos de continuo, e chamamos-lhe Lei; este, fel-o Quem só o podia fazer, e chama-se Religião.

Os barbatos e leigos do convento philosophico só cogitam do primeiro; os mestres, sem o despresarem, antes recommendan-

do-o com toda a efficacia, pregam comtudo a indispensavel necessidade do segundo, como unica verdadeira base de qualquer sociabilidade menos imperfeita.

Os artigos penaes e os juizes, como bem ponderou Rousseau, vedarão ou punirão os maleficios commettidos na praça e ao olho do dia; mas só os Mandamentos, com a sua sancção sobrenatural, poderão obstar a quaesquer outros. O roubo, a injuria, o adultério, o assassinamento, com testemunhas não os commetterá o barbato, que vê as grades da cadeia e a escada do patíbulo; mas o philosopho, isto é o christão, ainda sem testemunhas tremerá de os commetter.

Homem virtuoso, que não creia nos destinos ulteriores de sua alma, não creiais vós n'elle; essa virtude sería um effeito sem causa, se existisse, e antes loucura do que virtude.

Necessarias são as Leis, porque uns não recebem o Decálogo; outros, apesar de o recebermos, o não cumprimos; e indispensavel é sobretudo a Fé, porque leva os deveres até os ultimos recantos da casa e da consciencia. A Lei é o concelho do Municipio: manda varrer a cada um a sua testada, pintar a sua frontaria, tirar das janellas os vasos que poderiam esmagar a quem passasse. A Religião é a mãe de familias, que traz a vivenda por dentro arrumada, farta, contente, toda um palmito de San-João, com muitas flores e muitos frutos.

¿Que mais evidente demonstração da divina procedencia do Christianismo, do que

esta precisão absoluta que d'elle tem a humana sociedade?

D'isto, mais ou menos averiguado, mas bem sentido, resultou que em nossas constituições politicas é posta a Religião como fundamento do Estado; e de todos seus fundamentos, o unico é este inabalavel.

Todas as falsas religiões, que não produziram uma ordem social sobremaneira viciosa e caduca, tiveram indubitavelmente em si alguma fabula, que arremedava principios cardeaes da nossa crença; e o Mahometismo nem se houvera propagado por tanto mundo, nem contaria já quasi treze seculos de existencia, a não haver herdado grande parte dos nossos dogmas, da nossa Historia, e da nossa Moral.

*

E' difficil, se não impossivel, explicar por que rasão homens, aliás sabios, teem acintemente forcejado por arrancar da terra esta majestosa Arvore de dezoito seculos e meio, avergada de tantos tropheos, pródiga de tantos frutos e balsamos, e tão visivelmente divina, que, de cada golpe sacrílego que lhe descarregam, novas ramadas lhe rebrotam.

¡Se, ao menos, tivessem ideia fecunda, de germinação e frutificação infallivel (ainda que humilde e rasteira fosse) para a semearem no logar d'ella! ¡Se Voltaire, queimando os Evangelhos, tivesse, para encardenar na mesma capa em que tantas mãos de Reis e de Povos se imposeram para prestarem ju-

ramentos, alguma coisa mais do que os seus contos licenciosos! ¡Se Mirabeau, apostolando o atheismo, não fosse ao mesmo tempo o confessor e o martyr de todos os vicios! ¡Se....

Mas deixemos os que já estão julgados na Eternidade e condemnados no tempo. O Christianismo orou sobre as suas sepulturas, e existe para orar ainda sobre as de todos seus inimigos até á consumação dos seculos.

Uma grande vantagem tem elle colhido nas successivas perseguições que lhe teem feito os tirannos, os hereges, os fanaticos, os inquisidores, os sabios vaidosos, os mundanos frivolos, e sobre tudo (e muitas vezes) os seus proprios ministros e pontifices supremos: á proporção que por dentro se tem fortalecido como o cedro do Libano, que medra lutando com os temporaes, tem ido despindo quantos ramos enxertados e podres mãos ignorantes e damninhas lhe enxertaram.

Hoje, affoitamente o podemos dizer, desemmaranhado de superstições, benigno e tolerante, segundo o coração do seu FUNDADOR, é um culto intellectual e nobre, até no sentido das ideias terrestres, e ante cujos altares podem sem pejo prostrar-se, como o vulgo, os artistas, os talentos, os genios, e os legisladores de Liberdade.

A Philosophia e a Fé deram-se os braços, como duas irmans. *Misericordia et Veritas obviaverunt sibi*; *Justitia et Pax osculatœ sunt*. Os seus dois fachos se reuniram n'um só facho para melhor allumiar a terra.

Caminhando ambas para o mesmo ponto, que é a felicidade, e para além d'ella a felicidade, uma arrimada ao bago, a outra ao sceptro, lá se vão ajudando a vencer os estorvos, sempre recrescentes, da estrada longa. O Evangelho, encarnando as suas praticas nas instituições profanas, o poder temporal, sanccionando (se é licita a expressão) o culto, auguram e abonam uma edade nova de prosperidade sólida, porque todas as forças internas e externas, sem as quaes nada grande se pode perfazer, para ella haverão egualmente contribuido.

*

¿Mas virá já proxima essa edade? Temos que não; e eis aqui os desconsolados fundamentos: o excesso, que d'antes havia no sacerdocio a respeito do imperio, hoje nos parece havel-o no imperio a respeito do sacerdocio. E' a pendula, que vem na mesma proporção em que havia ido. O seu pezo a fará parar no meio.

O poder civil, reconhecendo em these o Christianismo por necessario, ainda, comtudo, na maior parte das hypotheses, o trata como superfluidade: amesquinha-lhe o apparato e a sustentação; deszéla ou perverte a escolha de seus ministros; e sobretudo transcura a religiosa educação da puericia e mocidade.

E os padres, por consequencia infallivel, mal escolhidos e mal venerados, profanam peor que ninguem, e desautorisam assim, o

seu caracter e ministerio, como a crença de que tão indignamente são intérpretes.

Atropellando o sagrado Canon, que prohibe aos militantes de Deus o intrometterem-se nos negocios seculares, as parcialidades politicas teem chamado alternativamente a pelejar sob suas bandeiras oppostas os filhos e representantes d'O que dissera: Não é o meu reino d'este mundo.» Por isso as egrejas, que nunca haviam de ser mais do que redís pacificos da grei fiel, se teem successivamente convertido em fortalezas semi-espirituaes, para defensão, já da tirannia, e já d'esta e já d'aquella constituição politica.

Do templo sahiam, com o Crucifixo á frente, armados de ferro e fogo, os bandos dos pelejadores civís, proclamando, não evangelica se não mahometicamente, o exertminio de quem sonhava Liberdade; no templo se dão as batalhas eleitoraes; e o parocho, dependente do Governo, e de um Bispo dependente como elle, é obrigado a entrar n'ellas, combatendo e exforçando os combatentes.

D'ahi, dos odios provenientes d'estes conflictos, da substituição do periodico ao Breviario, e da proclamação á homilía, e finalmente de ter passado a quasi mendigar o que ha pouco esmolava, resulta que apenas se poderá encontrar, lá por entre as neves de alguma serra bem apartada, quem dê a lembrar aquella tão veneranda, tão poetica, e tão divina figura de Jocelyn.

Sim, repetil-o-hemos, uma grande parte do Clero, com todos os vicios de pobre, com todos os vicios ainda mais graves de

empobrecida, condemnada a lisonjear e servir aos grandes, e a temer e a bajular os pequenos, em summa, falta de caridade, porque, perdendo a educação e a sciencia que lhe era propria, perdeu com ellas a fé e esperança, é hoje, de feito, peor calamidade para o Christianismo do que foram no passado seculo os atheus, e do que são no presente os indifferentistas e os scepticos.

A eterna Verdade, que aos sacerdotes havia dito: «Vós sois a luz do mundo, e vós sois o sal da terra», havia dito egualmente: «Se o sal perder a substancia e a virtude, ¿com que é que se ha-de salgar? Não ficará servindo para mais nada senão para que o lancem fóra, e o pisem os que passarem.»

Mas emfim: os estos politicos, em que tudo por ora anda baloiçado, hão-de quietar. O sal, que em parte se derreteu, ha-de tornar a ser sal; e a luz dos faróes, que, á mingua de oleo, allumiam pouco, e misturam trevas com a claridade, ha-de allumiar de novo, porque tambem a mesma Verdade disse: «Não prevalecerão as portas do inferno contra a minha Egreja, que tem de persistir até ao fim dos seculos.»

Então, quando houverem cessado estes desconcertos, em que mais são culpadas as coisas do que os homens, e que a Providencia permitte por designios seus insondaveis ao juiso humano, o Sacerdocio, largando as redes profanas em que hoje pesca, volverá para o santuario a dar a doutrina e mais o exemplo; e a puericia, e a adolescencia, e a virilidade, e a velhice, receberão

o que hoje não recebem: o ensino, a repressão, as normas e avisos, as consolações e confortos. Do ceo, que parece de bronze, tornará a cahir o maná sobre o deserto.

*

Acerca da obrigação, que aos poderosos do seculo incumbe, de apressar este praso de verdadeiro triumpho e hosanna para o Christianismo, muito se podéra e devêra escrever, porque hoje o pulpito está mais na Imprensa do que na Egreja; e d'esta nova cáthedra de verdade, ainda que tambem a miude cáthedra de pestilencia, se préga mais largamente ás multidões; mas esse sacerdocio corre á conta do talento, e talento autorisado; a nós não nos pertence. Encommendamos-lhe, sim, este grande thema, tão eminentemente social, e cujo desenvolvimento será, com alvoroço, escutado por quantos se acham unidos com os vinculos naturaes do sangue á geração vindoira.

Nós vamos entrar em assumpto de menor esphera, para poder ser percorrido em tão limitada folha, posto que tambem interes sante, como se verá pelas altissimas considerações com que está ligado.

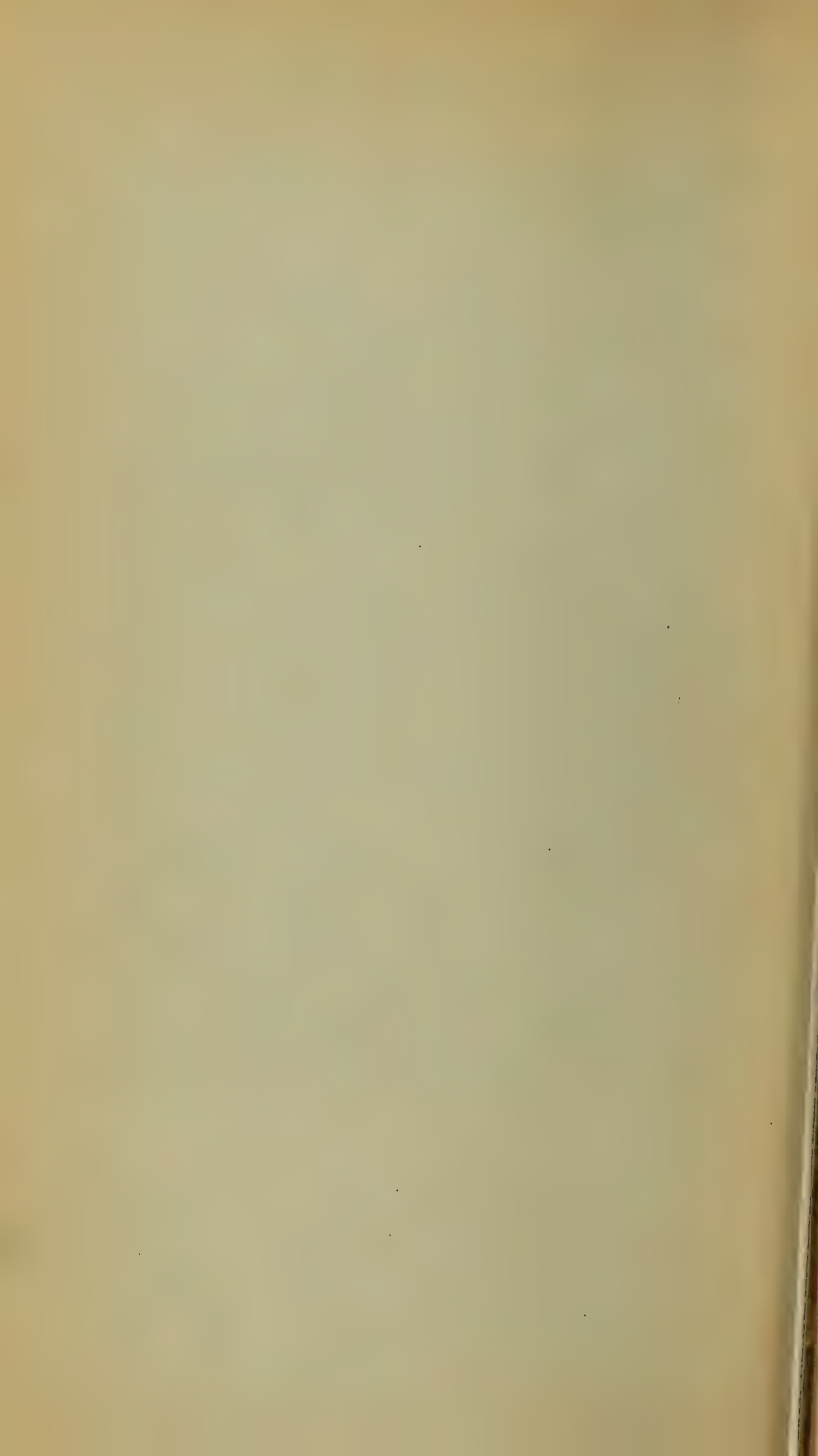
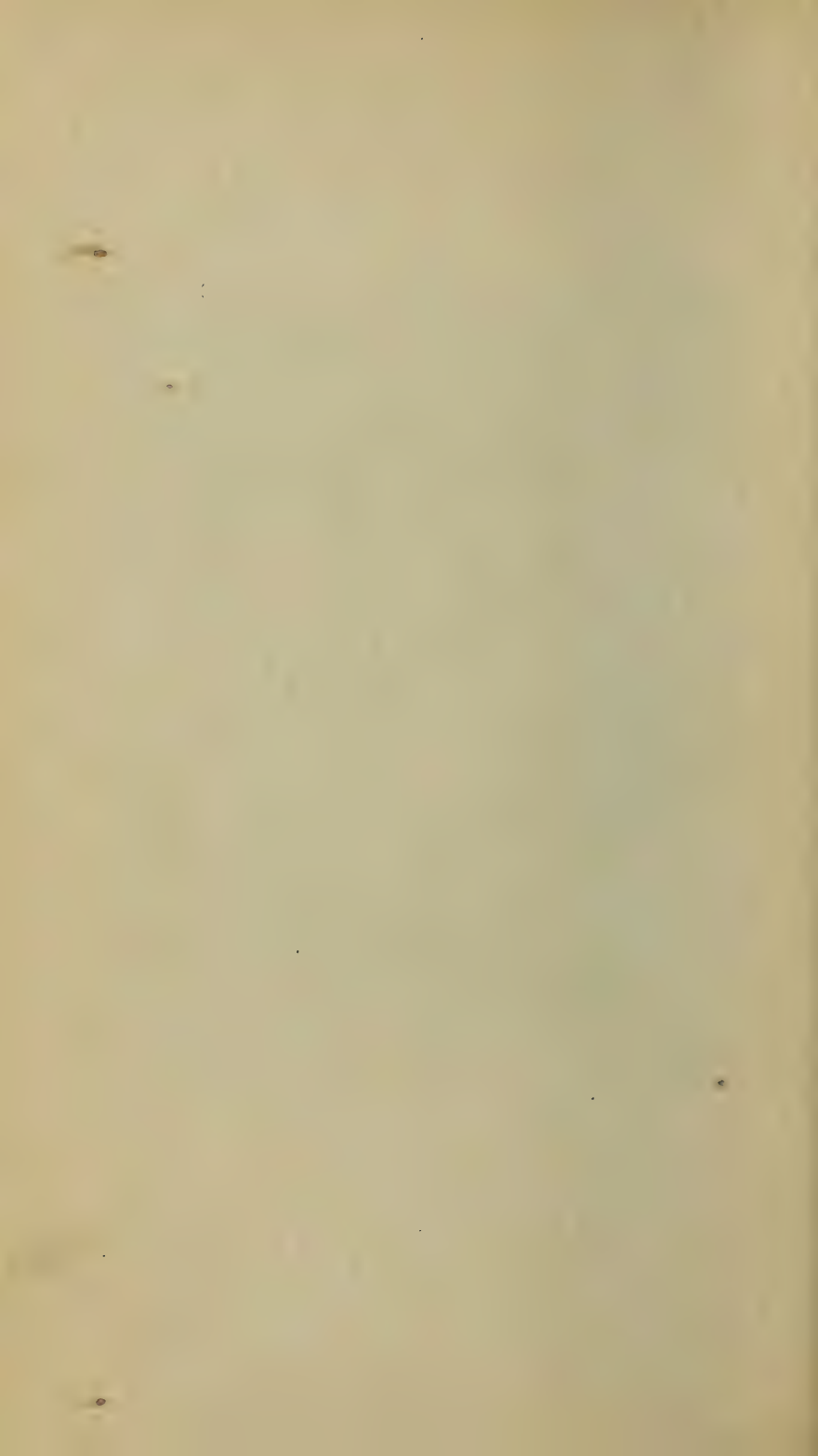
*

Deixámos, como pontos, assentados, a necessidade do Christianismo, até para complemento da Legislação, e as pazes e alliança, offensiva e defensiva, celebradas entre elle e a Philosophia.

Restava examinarmos como entre elle e a Politica, de quem já, pelo menos, é reconhecido, se poderia estabelecer egual parceria intima, perfeita, e indissoluvel; por outros termos: como se poderia tornar a Politica philosophica, isto é de vez e de veras, e sinceramente, religiosa; mas (tornamol-o a dizer) taes assumptos, para onde a vontade invencivel nos chama de continuo, requerem maior voz, maior nome, paginas mais amplas, e horas mais desafogadas do que nós temos.

Restringir-nos hemos portanto em ventilar como é que os Reis, Principes, e Grandes do seculo, devem contribuir para esta obra regeneradora, frequentando as festas do culto, não como idolos doirados que vão buscar adorações, mas como fieis que vão dar o exemplo da adoração humilde e cordeal.

Todas as autoridades aqui apparecerão por nós: as Escrituras, a Rasão, a Historia, e a Natureza. A evidencia (esperamol-o firmemente) sahirá a final, como um feixe de luz, de todas nossas provas reunidas.

(*Rev. Univ.*)

MARQUEZA DE ALORNA

LXV

POETISA PORTUGUEZA

(Fevereiro de 1843)

A fama litteraria e poetica da Ex.ma senhora Marqueza de Alorna, Condessa de Oeynhausen, é antiga, geral no Reino, e espalhada por entre os estrangeiros; abona-se com autoridades. e com documentos. Os versos, com que Bocage e Filinto, além de muitos outros engenhos, arcades e não arcades a celebraram, são de todos conhecidos; e parte das obras de sua fecunda penna ornam, ha muito tempo, as bibliothecas dos eruditos.

O que d'ella se possuia dava desejos de se conhecer o mais, que os bons e maus dias de sua variada existencia lhe haveriam inspirado. Suas filhas, não menos herdeiras do seu talento e amor ás Lettras, que do seu nome, acudindo a estes desejos do Publico vão levantar á memoria da illustre dama um padrão, que egualmente o ficará sendo de sua filial ternura.

A collecção completa das obras da senhora Marqueza de Alorna irá precedida da sua Vida. Quando tudo fôr impresso, será em nós gostoso cumprimento de dever apresentar um juiso sizudo e fundamentado acerca do seu merito, que todos confessam, mas que ainda (se havemos de dizer a verdade) se não acha exactamente definido.

Honrâmo-nos com a amisade que sempre achámos na illustre Poetisa; mas não influirá ella nos louvores que lhe houvermos de tributar, nem nos atará as mãos para escurecermos defeitos, onde por ventura os descobrirmos. A *Revista Universal* não conhece amigos nem inimigos, quando se trata de critica litteraria, e entende que o peor abuso que do officio de escritor se pode fazer é desvairar, por contemplações pessoaes, o juiso publico.

Sabemos que a alguem desagrada o nosso systema; mas o nosso systema é hoje uma necessidade, se deveras queremos Lettras e Sciencias.

(Rev. Univ.)

LXVI

MACTE NOVA VIRTUTE, PUER, SIC ITUR AD ASTRA

(Março de 1843)

Cada vez se vai auspiciando mais prosperamente a revolução litteraria, moral, e religiosa.

Cada dia acodem a militar no seu campo novos espiritos bem fadados, opulentos de mocidade e de porvir, cheios de fé em si e na sublimidade dos destinos humanos, com grande talento accezo na alma por este sol portuguez fecundissimo de todas as coisas, e com o amor, a paixão, a necessidade do estudo, sem o quê os melhores dons naturaes ficam perdidos.

N'estes juvenís precursores de uma edade nova estão os maiores abonos da sua possibilidade.

São a primeira vegetação, que principia a apparecer e florir sobre as ruinas tristes e estéreis do nosso mundo velho. Se não produziram já fruto, no seu logar e no seu pó virão depois arraigar-se plantas mais fe-

lizes, que, formando o terreno a outras, ainda mais corpolentas e abençoadas do que ellas, haverão egualmente contribuido para que, sumidas e talvez esquecidas as ruinas, sobre ellas, em chão assente e formoso se disfrutem dias de abundancia, de paz, de contentamento.

Breve passaremos nós, os corrompidos herdeiros da prosaica impiedade, dos odios, ambições, e avarezas, a que se deu a alcunha pomposa de *politica;* passaremos nós, e virão homens, que não adorem no deserto o bezerro de oiro, e que entendam que o individuo e a sociedade se não manteem de pão unicamente; homens que terão feito dar um passo á Economia politica, accrescentando-lhe aos algarismos, que só podem representar os bens para os sentidos, os elementos moraes, que aproveitam e santificam esses mesmos bens; homens, emfim, cujos argumentos se não cifrarão todos em calcular forças mechanicas, e tirar como consequencia infallivel, que toda a que chega a 500 cavallos é *ipso facto* preferivel á que só eguala a 499 cavallos.

O materialismo do viver, filho do materialismo do pensar (ou antes do *não pensar*), já por toda a parte se vai reconhecendo por insufficiente para o verdadeiro fim por que a nossa especie se reune, que é a satisfação recíproca, e a satisfação mútua.

Entre nós, como diziamos, tambem a consciencia d'esta verdade vai fazendo apparecer defensores zelosos das doutrinas antiquissimo-novissimas.

Muitos poderamos citar, já conhecidos do

Publico, já premiados e reforçados pelo favor geral; mas apontaremos unicamente um, novo campeão que vai entrar na liça com o escudo ainda lizo, mas forte com os seus vinte annos, com a inteireza do seu coração, com a virgindade da sua Fé.

Dois programmas temos diante de nós, lançados ao Publico pelo snr. João de Lemos de Seixas de Castello-Branco, estudante na Universidade de Coimbra.

No primeiro se annuncía uma obra, que tem de ser publicada em periodos irregulares, e aos folhetos; intitula-se *O Christianismo*, miscellanea de prosa e verso, destinada a «espalhar as maximas evangelicas, e «os dictames sublimes da crença de Jesus.» Outro mancebo, que se não nomeia é n'esta empreza o seu collaborador.

No segundo promette o autor, sob o titulo *O meu Album*, colligir trechos seus de poesia intima, uns em verso outros em prosa; e declara que, se agradar esta tentativa, dará á luz uma *D. Maria Telles*, drama seu original, e em verso.

Posto que nada até hoje vissemos do snr. Seixas de Castello-Branco, nem com elle ainda nos encontrassemos, de amigo nosso intimo, juiz em Litteratura competentissimo, sabemos que ha, nos escritos d'este zeloso neóphyto da religião poetica, claros, e ás vezes brilhantes, arreboes de um talento, que aproveitado e dirigido por bom caminho, não deixará de ser para muito.

Não lhe aconselháramos nós o madrugar tanto para sahir ao mundo; sabemos o que são e o que doem tardios arrependimentos

de juvenís peccados litterarios, bem que ás vezes não passem de venialidades. O mundo perdôa muito; mas a consciencia propria perdôa pouco, ou não perdôa nada.

Não lhe aconselháramos lançar aos mil eccos da Imprensa (importunos que ninguem depois pode emmudecer) nem o seu *Album*, nem o seu *Christianismo*, e menos ainda o segundo do que o primeiro.

Para trovador, que devaneia, chora, e canta, não será impropria a edade das ardentes paixões, e o alaude com mãos ainda inexpertas se contenta; mas a autoridade do evangelisar.... temos receio (confessamol-o) de que o seu louvavel zelo o engane sobre os frutos da sua missão. ¡Oxalá que não! que muitas e muitas vezes tenhâmos de acompanhar nos applausos e bençãos aos seus ouvintes.

(Rev. Univ.)

LXVII

ORTHOGRAPHIA PORTUGUEZA

(Março de 1843)

Continúa a congregar-se todos os domingos na bibliotheca da Imprensa Nacional, com a maior pontualidade e zelo, a sociedade litteraria, que tomou a peito assentar as suspiradas e tardias pazes entre os orthógraphos portuguezes. As conferencias, que nunca duram menos de quatro horas, vão promettendo excellentes resultados. Por ora discutem-se as regras geraes e fundamentaes; assentadas ellas, e revistas de novo, e rectificadas umas pelas outras, proceder-se-ha á sua applicação a todos os vocábulos da Lingua por sua ordem alphabetica.

Nenhum trabalho bem remunerado foi jamais feito com melhor vontade e maior affinco do que este, de que nem sequer uma gloríola se pode esperar em recompensa.

(*Rev. Univ*).

LXVIII

ORTHOGRAPHIA PORTUGUEZA

(Março de 1843)

No *Patriota* de 10 do corrente lemos um artigo com este mesmo titulo, assignado *A. M. da Silva*, no qual (sem que os illustres redactores d'aquella folha accrescentassem coisa alguma para correctivo) se combate o nobre empenho, que alguns litteratos se imposeram, de assentar as suspiradas e tardias pazes entre os orthógraphos portuguezes.

Figura-se ao articulista abominavel audacia n'esses litteratos o pretenderem elles presentar ao Publico uma proposição de escritura uniforme, que, se fôr acceita, porá ponto na vergonhosa anarchia em que ainda a este respeito laboramos, e provavelmente facilitará, como em Hespanha, o estudo das primeiras lettras.

Podéramos responder ao articulista, que todas as revoluções litterarias são, e foram sempre, feitas por sociedades ou individuos, e não por autoridades governativas, que pa-

ra taes coisas não ha nem pode haver; que todos os preceptistas, diccionaristas, grammaticos, e orthógraphos, tiveram sempre o direito de apresentar os seus alvitres, como o povo tem o de lh'os acceitar ou recusar. O Madureira, que por muito tempo foi nas repartições publicas o legislador do *a b c*, não valia de certo mais, que os treze collaboradores d'este futuro vocabulario, cujos nomes (por sua ordem alphabetica) são os seguintes:

Alexandre Herculano,
Antonio Feliciano de Castilho,
André Joaquim Ramalho e Sousa,
Antonio da Silva Tullio,
João Baptista de Almeida Garrett,
João de Sousa Pinto de Magalhães,
Jorge Cesar de Figanière,
José Augusto Corrêa Leal,
José Frederico Pereira Marecos,
José da Silva Mendes Leal Junior,
Lourenço José Moniz,
Luiz Augusto Rebello da Silva,
Silvestre Pinheiro Ferreira, Presidente.

Assim, a exhortação que elle faz a seus pios ouvintes para que não acceitem a novidade é tão van e tão absurda, quanto é ridiculo o seu fundamento, que é, segundo elle diz, «o menospreço com que a snr.ª *Revista Universal Lisbonense*, cujo illustre redactor é um dos membros da referida sociedade, parece tratar a orthographia e os orthógraphos, dizendo que d'esse trabalho nem

sequer uma gloríola se pode esperar em recompensa.»

Fracas são as ambições do illustre inimigo da orthographia, se realmente se persuade que de um opusculo orthographico, innominadamente composto por treze individuos, pode provir um tamanho luzeiro de celebridade, que a sua decima terça parte seja ainda bastante para deslumbrar de inveja a qualquer christão.

Mas quando assim fosse, quando se soubesse com evidencia que todos os membros d'esta junta haviam trabalhado com a mesma intelligencia e fervor, que nenhum havia sustentado opiniões rejeitadas pela maioria, ¿como queria o articulista, que o redactor da *Revista Universal*, que elle mesmo dá por um dos da conjuração, dissesse: d'aqui ha-de-me provir uma fama, digna de ser perpetuada em monumentos com estatuas? ¿Não seria isso abusar tambem dos typos, e da paciencia dos leitores?

A sociedade orthographica trabalha com zelo e assiduidade, porque entende que está fazendo obra, que todos os Portuguezes judiciosos, e não pirronicos, hão-de acceitar.

E tão pouco é avara de tal honra, que de boa-mente a repartirá com todas as pessoas, litterariamente habilitadas, que desejem ajudal-a.

Venha o autor do artigo, e venha quem quizer, que as portas da livraria da Imprensa Nacional para isso estão abertas todos os domingos, desde o meio dia até ás 4 da tarde. Se fôrem tantos os collaboradores, que

não caibam na casa, far-se-hão as sessões na praça do Rocio, ou no Terreiro do Paço, para dar gosto ao snr. Silva. Teremos comicios orthographicos; teremos a democracia applicada á Grammatica, o que não deixará de ser curioso, ao menos pela originalidade.

N'este mesmo artigo diz chistosamente o snr. Silva que «a *Revista Universal* tem coisas.....» Agradecemos e acceitamos o elogio, pesando-nos comtudo não podermos pagar-lh'o na mesma moeda; o papel do snr. Silva desgraçadamente não tem senão palavras.

P. S. — No *Patriota* de hoje, quarta feira, em resposta a um artigo da *Restauração*, pouco mais ou menos no sentido do que se acaba de ler, vem uma especie de bulla do snr. Antonio Marques da Silva, empregado na Bibliotheca Publica d'esta cidade; curta, mas substancial.

Diz o snr. Marques ser falso tudo quanto se escreve para o refutar, e dá como unica rasão d'isso, que o autor do artigo impugnado é elle. A pobre infallibilidade do Papa, afugentada ha muito tempo da cáthedra de Roma pela philosophia theologica, já sabemos que veio finalmente refugiar-se nos dormitorios dos extintos Franciscanos, na pessoa do Rev.do snr. Antonio Marques da Silva. Se mais cedo nos constasse, não era aqui, no capitulo das *noticias*, mas entre os

conhecimentos uteis, que houveramos estampado tão boa nova. Em tempos de discussões e polemicas, é uma felicidade saber-se onde reside a infallibilidade.

Passaram os oraculos de Delphos; passou o *ipse dixit* dos Pythagóricos; passou o *crê ou morre* de Mafoma e dos inquisidores; mas ficou o snr. Antonio Marques da Silva para os casos apertados.

(*Rev. Univ.*)

LXIX

O ESPIRITO DE NACIONALIDADE

(Março de 1843)

O espirito de nacionalidade, ou amor da Patria, é uma expressão vaga; corresponde a uma ideia arbitrariamente complexa; em abstracto, é uma virtude social e natural, e a unica, talvez, de todos os tempos, de todos os logares, e de quasi todos os individuos.

Poucos dirão (e pouquissimos o diriam com verdade):

— «Não amo a terra onde abri os olhos, onde vi o primeiro sol, o primeiro seio, o primeiro sorriso; onde tudo que me rodeia conversa comigo nos annos que passaram; onde todos me entendem e entendo a todos; onde os interesses geraes se entretecem com os meus interesses; onde, ou escondidos debaixo do chão, ou girando sobre elle, estão todos aquelles a quem mais devo e que mais me devem; onde me espera a minha derradeira jazida; e onde, quando eu desappare-

cer, ainda o meu sangue e o meu nome continuarão por mim a existir, e, recordando-me e chorando, alguem continuará os trabalhos que encetei.»

Logo porém que se trata da applicação d'este sentimento, de o fazer baixar da sua esphera moral, clara e sem nuvens, ás condições mal definidas, fortuitas, e muitas vezes encontradas, da vida positiva, o que até ali era axioma e virtude converte-se em disputa. As ideias, os habitos, os interesses, de cada individuo, ou da sua familia, ou da sua corporação ou classe, ou da sua cidade ou provincia, fazem-n-o ver (até com a melhor fé) o maior bem da Patria, precisamente onde para ella só está um bem menor, e talvez um mal, ou uma origem remota de muitos males.

E' um ponto este, que não carece de demonstração. Em taes casos, o amor da Patria, se chega a converter-se em obras, produz os mesmos effeitos, que o odio de seus mais acerbos inimigos lhe poderia produzir.

*

De milhares de elementos se compõe a vida do Estado; e da mutua acção e perfeito jogo d'esses elementos, a sua saude; mas um espirito limitado, ou porque assim nasceu, ou porque assim o crearam, não podendo conhecer a natureza de cada um d'esses elementos, e as complicadas relações de todo este jogo, insiste n'uma ou n'outra parte, com esquecimento ou menoscabo de muitas, e sacrifica o todo, imaginando que lhe serve.

O maior talento governativo, quanto a nós, consistiria em possuir um grande juiso, e nenhuma especie de talento particular. O Rei *poeta* anteporia a tudo a litteratura; o *machinista*, só as fabricas; o *guerreiro*, só as conquistas; o Estado, sob as suas leis, brilhante a um respeito, cahiria por todos os lados em ruina e dissolução.

O bem governar seria facil; pelo menos, a sciencia para isso necessaria poderia ser escrita e aprendida, se as relações mutuas dos elementos sociaes, e a comparativa importancia d'elles, não variassem a cada passo com os successos politicos ou naturaes, com o crescer ou minguar da illustração, com as modas e costumes, emfim com as mudanças que o tempo causa de continuo. Então o amor da Patria poderia, sim faltar em alguns, afugentado pelo egoismo; mas aquelles que o tivessem não errariam jamais no emprego que lhe haviam de dar. O capitulo do Patriotismo no cathecismo do cidadão é portanto um capitulo perennemente variavel, pelo que toca ás applicações do invariavel thema: AMOR DA PATRIA.

Mas como escrevemos em portuguez, e portanto quasi exclusivamente para Portugal, desceremos já d'estas geraes considerações, em que nos iamos espraiar, para a applicação clara e succinta de principios, que nos parecem irrefragaveis, ao estado presente das nossas coisas.

*

O verdadeiro patriotismo pratico foi sempre em nós tão raro, como em todos os povos.

As façanhas militares recamam esplendidamente toda a nossa Historia; sem duvida são esses os maiores documentos que homens podem dar de abnegação de tudo; por isso geralmente se reputam demonstrações maximas de patriotismo; mas as façanhas militares tiveram, e teem muitas vezes, uma origem menos nobre.

Desde os hymnos de Harmódio até os de nossas pelejas civicas, ainda não cessou de se ouvir o estribilho «Morrer pela Patria»; ainda em nenhum campo de batalha se levantou monumento, em que se não gravasse: «Aos mortos pela Patria.» Mas ¡quanto d'essas cédulas passadas para a posteridade não tem a philosophia que rebater, para pagar os quinhões, que para si estão reivindicando a ambição de subir postos, o medo da infamia, o tédio da vida, a ancia de se melhorar de fortuna, a obediencia forçada, e tantos outros motivos pessoaes! ¿Quem affirmará, que em cada cem mil homens, armados sob os estandartes da Patria, correndo em nome da Patria a vencer ou a morrer, e realmente morrendo como valorosos, haja mil, ou haja cem, cuja heroicidade nasça inteira e extréme do patriotismo?

O que dizemos d'esta classe, applica-se, com mais forte rasão, a todas as outras que servem e conservam a republica,

É esta uma verdade, que parece despoetisar em grande parte a vida; é entretanto uma verdade. Como é uma verdade, não queremos dissimulal-a, nem de tal necessitamos, pois que, em ultima analyse, o concurso de outras muitas causas, que nos movem a de-

sempenhar-nos, cada um dos seus deveres respectivos, nos pode talvez conduzir, pouco mais ou menos, ao mesmo ponto em que esse ideal sentimento nos haveria de collocar.

*

Nos antigos tempos da Monarchia, o patriotismo em feitos deveu ser raro, já porque eram rudes e semi-barbaros, já porque nas nossas entreprezas bellicas tinham metade os odios religiosos, um quarto a cubiça do sacco, o restante o serviço do Rei, entidade symbólica, representação phantastica, e substituição muito verdadeira do Estado.

Estas causas, que sobre tudo nos fizeram grandes por toda esta terra comprada e resgatada a ferro, foram ainda as mesmas, que levaram por nossas mãos as Quinas triumphadoras a tantas, tão extranhas, e tão apartadas regiões. Todos esses milhares de victorias magicas, um unico talisman as produziu, que se levava no peito, e dizia: «Serviço de Deus, e do senhor Rei.» Nada mais; e nada mais, porque a palavra *cubiça* era vergonhosa, e a palavra *patriotismo* mal conhecida.

E não se haja isto a desdoiro; mal se pode amar o que não existe; e não existe Patria, onde não existe a verdadeira Liberdade, com todas as suas prosperas consequencias.

¿Hoje, porém, que ha a Liberdade, haverá por ventura esta virtude? Tapemos as faces, e respondâmos: Não. Nunca talvez d'ella andámos mais afastados.

¿Seremos logo incapazes de a conseguir? Tambem não. Muitas rasões fataes contribuiram para esta atrophía de animo, que Deus ha-de permittir não seja incuravel.

*

As revoluções e guerras intestinas transformaram pela assolação quasi tudo com que nos haviamos creado; solveram-se todos esses laços de affeições. Vieram novos usos e costumes, que ainda não fizeram cama; recresceram as extranhezas e o incommodo do viver. Multiplicaram-se o que hoje se chama *associações*; mas a unidade da Familia portugueza desappareceu. Eramos, se não irmãos, pelo menos conhecidos e visinhos pacificos; fizemo-nos *vencidos*, e *vencedores*. Os vencedores continuaram ainda a combater-se, a vencer-se, e a empregar os armisticios em assacalar os odios para futuros conflictos. Discutimos, fazemos, discutimos e refazemos leis; mas os costumes, sem os quaes todas as leis são vans, desandam e subvertem-se.

Da pobreza de hontem, cahimos na penuria de hoje; e entrevemos inevitavel para amanhan a miseria ainda mais negra.

Não nos podiamos queixar dos males; era um mal. Hoje... todos nos queixamos; conhecemol-os todos, porque a Imprensa, porque o Parlamento, porque as conversações publicas e domesticas, já não falam de outra coisa; e esse mal ainda é mais grave.

Sabiamos apenas que havia dividas; e esse triste assumpto raras vezes vinha enu-

blar os deleitosos serões das familias reunidas. Hoje... nos trinta bailes de cada mez difficultosamente se encontrará, entre os centenares de concorrentes, algum ou alguma, que, no quarto de hora em que repoisa de dançar, não troque um dialogo affectuoso ou recreativo por uma dissertação mais ou menos sábia, mas sempre certa, sobre a profundeza do abysmo financeiro aberto sob os nossos pés, a cujo leito já não chega a vista, e que ainda, de hora para hora, se rebaixa.

Tudo isto (¿ quem o não entende?) diminue com a fé e com a esperança a virtude, sempre aliás rarissima, do Patriotismo.

*

Outra causa (causa suprema) accresceu superabundantemente a tantas causas.

Uma grande parte dos nossos irmãos, pelo menos dos mais influentes, emigraram afugentados do ninho paterno, e foram passar annos pelas cidades e capitaes dos estrangeiros. Quando voltaram, já não conheceram a terra patria, nem ella a elles. Raros se haviam melhorado nas escolas das sciencias; rarissimos na do infortunio; os demais tinham esquecido tudo, e aprendido nada.

Com a Lingua, haviam olvidado os sentimentos portuguezes. Mais saudades do que lá tinham por ventura do quarto onde sua mãe os embalára, mostram ter hoje cá da taberna de Londres, ou da baiuca de Paris, onde o copo fétido da cerveja, pago pelo seu dinheiro, lhes era ministrado com desprezo pelo infimo servente.

Exceptuando uma ou duas duzias de entendimentos sãos, que se não coalharam por esse norte, ¿homens da emigração, que bens reaes trouxestes vós, que vos obrigaram a tornar ao nosso Reino? o affectado despreso de tudo quanto é nosso; uma assignatura perpétua nos jornaes de figurinos; um capitulo de Economia politica onde se elogia o luxo; quatro palavras inglezas ou francezas, uma *soirée* e um *debute*, um *club* e um *groom*, um chapeo branco e um charuto; e a suppressão philosophica do *Dominus tecum*.

¿Valia a pena de tão dilatada peregrinação? Anacharsis e Telémaco não aprenderam mais por esse mundo.

O poucochinho, que ainda restava para assolar, de patrio amor, desbarataram-n-o estes papalvos sem consciencia; muitos dos quaes, desgraçadamente, não teem a insignificancia de meros *dandys* ou *fashionables* da infima plana, mas habitam palacios, aviventam clubs, vôam em carroagens, e tornam mais terrivel e mais contagioso o seu exemplo de abjuradores e renegados do bom Portugal.

*

Ninguem nos taxará de havermos afeiado o painel; antes levantamos d'elle a mão, sem ousar a concluil-o. Mas o que ahi fica basta para tirarmos affoitamente a consequencia, de que o espirito de nacionalidade vai já quasi perdido em nossa gente; temerosa verdade, pois que só elle póde ainda (se alguma coisa no mundo o póde) restituir-nos alguma sombra ou principio de ventura.

Para aqui, para aqui se devem empenhar todas as forças dos em quem esta nobre virtude não morreu.

*

Dois são os generos de armas, em que esta duvidosa peleja se ha-de pelejar: as obras, e as palavras.

As obras pertencem mais aos Principes, aos grandes, aos poderosos de dinheiro, de autoridade, ou de representação. A palavra, aos homens de coração e de entendimento, e á Imprensa, que é o seu pulpito, o seu parlamento, o seu tribunal, a sua escola, a sua praça de commercio.

Aos escritores, dignos d'esse honroso titulo, ainda mais apertada corre a obrigação de *nacionalisar*, do que aos filhos legitimos ou bastardos da fortuna, porque o seu poder é muito mais amplo e efficaz, está fundado na Natureza, e sustenta-se pela razão.

Um Principe pode não ser mais do que um pigmeu, ou um truão, representando o papel de heroe na comedia social. O seu merito pode estar todo em tres partes: n'um armario, em alguns rolos de pergaminho; no guarda-roupa, em alguma farda bordada; e no livro do mordomo.

O escritor é o verdadeiro nobre, talhado pela Providencia para a ajudar nos seus grandes designios; é o apóstolo obscuro, descalço, e rôto, que regenéra os povos; é o rei, que viaja incognito, preparando sem ruido grandes successos que se hão-de realisar. Desgraçado d'aquelle, que, predestinado por um Genio invisivel, que no berço o bafejou

para reinar assim no presente e no porvir, e ser ainda obedecido quando os que o desconheceram o despresaram nem já fôrem lembrados, esquece a sua providencial missão; enterra o talento que recebeu; mette sob o meio-alqueire a sua lanterna evangelica, e desbarata as horas e as forças na vertiginosa dança macábra dos interessiculos mesquinhos, dos amores e odios pessoaes, dos enredos futeis e passageiros, mas não de passageiros resultados.

Aos incuriosos sacerdotes, que todos os dias celebram no altar da Imprensa, d'onde importa que se reparta o pão de paz aos fieis, e aos infieis a doutrina, a elles affoitamente nos dirigimos: que nos respondam, com a mão na consciencia: ¿ preenchem por ventura o seu dever? ¿ forcejam por instruir e moralisar o Povo? ¿ desvelam-se por lhe desentupir as surgentes intimas e exteriores da prosperidade? ¿ evangelisam-lhe de dia e noite o amor da Patria?

Que nos respondam.

Pelo contrario: quando uma voz sincera se levanta, prégando esta virtude, fulminando a quem ousa violal-a, e demonstrando aos ignorantes ou illusos a necessidade d'ella, rara vez essa voz encontra um ecco; e muita vez, d'entre os proprios ministros juramentados ao culto da civilisação, algum se levanta, que a essa voz responde com o escárneo.

Já podéramos amontoar exemplos d'essa covardia insensata; mas limitar-nos-hemos a um; e, por que se não diga que escolhemos, será de todos o mais recente.

*

Projectára-se um grande peccado contra a nacionalidade: edificar, com o pão de Portuguezes pobres, a um Principe Portuguez, que por acções Portuguezas merecêra bem da sua Patria, um monumento italiano.

Requeremos primeiro contra a profanação, o absurdo, e a crueldade; depois, protestámos; ultimamente, bramimos.

Tinhamos aberto o caminho; esperávamos ver lançar-se por elle em tropél todos os talentos portuguezes, que para logo nos haveriam todos passado a diante, correndo para uma victoria certa. Esperávamos, e esperámos.

¿E quantos, de tamanho numero, nos acudiram?

Em vez d'isso, eis aqui o que uma voz, sem que apparecesse o rosto de quem a soltava, nos responde:

«Pode um juiz imparcial, pesando maduramente as circumstancias a todos os respeitos decidir qual dos riscos se deve adoptar; e feito isto, que attenção devem merecer aquelles que entrarem a grasnar por se não ter preferido antes este que aquelle risco, quer o autor fosse portuguez, ou estrangeiro?»

O sublime *grasnar*, que o farricôco, agachado debaixo do prelo, tirou por metáphora da especie *pata*, a que pertence, faz lembrar a cigarra da fabula, quando aos passaros cantores mandava calar, para que os lavradores a podessem ouvir a ella; levou com uma terroada, que a esborrachou.

Não esborracharemos nós ao farricôco, italiano, portuguez, ou sármata; viva, e escreva. A Providencia, que permitte nascerem animaes d'aquella especie, algum fim deve ter para isso. Tambem as rameiras, já se demonstrou que eram preciosas para a propria virtude da castidade. Talvez que os piégas typographicos sirvam para que a verdade, confrontando-se com as sandices d'elles, descubra melhor a sua importancia e portamento senhoril.

Mas logo teremos occasião de tornar ao farricôco. Retomemos o nosso discurso.

*

Assentado que é obrigação dos que dão a doutrina, e dos que dão o exemplo, insistir e perseverar, teimar e martellar, até que o espirito de nacionalidade se ale da sua aniquilação, e nos ponha em via de salvamento, examinemos (já que é este um assumpto em que tanta ignorancia reina, e tantos erros se teem introduzido) o que um Patriotismo illustrado tem direito e obrigação de exigir, tem direito e obrigação de conceder.

Para melhor resolver estas duas questões, que a final veem a cifrar-se em uma só, conviria discutir outra preliminarmente; a saber: se, e até que ponto, é verdadeira aquella maxima de Fénelon: — «que ha-de cada um amar a sua Familia, mais do que a si; a sua Cidade, mais do que a sua Familia; a sua Patria, mais do que a sua Cidade; o Genero-humano, mais do que a sua Patria.»

Mas costearemos por largo esta fragosa e escarparda disputação escolar.

A maxima, que de antigos philosophos herdára Fénelon, o uso universal a traz, ha milhares de annos, revirada de baixo para cima.

Mais do que ao Genero-humano desconhecido, se ama a Patria conhecida; mais do que á Patria que se não vê, a porção que n'ella se vê e disfruta; mais do que á Cidade, dispartida em tantos interesses quantos são os seus fogos, a Familia, por quem, com quem, e para quem, se vive. Só na ultima clausula nenhum coração bem formado contrariaria a Fénelon: o pae, a mãe, os irmãos, a mulher, os filhos, antepôl-os-ha cada um a si mesmo.

A' dissociabilidade, que d'aqui devia originar-se, obvía, como já acima tocámos, a generalidade mesma d'este defeito, se o é. As forças felicitantes, que se haviam de derramar de cada uma das partes para todas as outras, veem, concentrando-se n'ella, a gerar pouco mais ou menos, por dentro, a mesma dóse de felicidade, que de fóra lhe poderia confluir; e os sacrificios particulares, indispensaveis para a manutenção do todo, se não é já a vontade quem nol-os persuade, é a força publica, ou a Lei, quem a elles nos obriga; é a avareza ou a fome, quem nos constrange a arrostal-os. O que as virtudes não fizeram, fazem-n-o, como quer que podem, os proprios vicios e defeitos, com que a Natureza já talvez para isso nos aparelhou.

Nobre seria (não o duvidamos), porém seria excusado, o procurar persuadir aos individuos, ás classes, ás povoações, que o sentimento innato do patrio amor o traduzissem

em sacrificios espontaneos. Ninguem, ou só pouquissimos, o fariam.

Ha porém outros actos, por onde essa virtude se póde manifestar, proveitosos e faceis, e não molestos, para quem os executa, porque para elle mesmo, como para todos, hão-de esses actos brotar frutos. Taes actos, é que só villões, e malévolos por condição, e estupidos por encantamento, deixariam de executar.

Não vá, embora, o opulento vazar os seus saccos de oiro no Erario; sería essa uma grande heroicidade, mas não é um dever. Se porém o rico se recusar a ser parte n'uma empreza, que promette venturas a uma cidade ou a uma provincia, abonando-lhe, ao mesmo tempo, um honesto juro do seu cabedal; se, podendo contribuir para que se abram estradas e canaes, que aviventem o Reino, antepozér aos lucros de tão abençoada especulação o jogo escandaloso dos fundos publicos, as usuras desalmadas, as lagrimas dos infelizes, e as maldições da mãe, a quem a fome seccou o leite e as lagrimas, não só haverá faltado ao que devia, mas feito o que não devia, nem podia. Esse homem, é enterral-o, que já a alma se apartou d'elle ha muito tempo; e enterral-o em cemiterio de brutos, com as costas para o ceo, e a cara para os abysmos; e quem passar... *minxerit in cineres*, porque esse, que viu a fome, a sêde, e a nudez, e recusou o pão, recusou a agua, e recusou o vestido, é dos bodes da mão esquerda, para quem não haverá misericordia no Livro da conta.

*

Já temos a nossa doutrina reduzida a termos comprehensiveis, e de receber.

O patriotismo pratico, de que importa se dêem continuamente lições e mais exemplos, é aquelle que, aproveitando ao maior numero, aproveita simultaneamente, ou pelo menos não prejudica, ao particular nos seus haveres e nos seus commodos. Este, ¿ quem não dirá que é obrigação estrictissima para todos e para cada um?

Apertando ainda mais o tratado só ao nosso Portugal, saibâmos á justa a que se reduz, no presente estado das coisas, o que o espirito nacional tem direito e obrigação de exigir, tem direito e obrigação de conceder.

(Rev. Univ.)

LXX

OS PESCADORES DA COSTA

(Março de 1843)

Os rigores do presente inverno, e seus estragos, mal os podem imaginar os regalados moradores das cidades grandes.

Para elles, tudo se reduz a um ceo menos claro, e calçadas menos sêccas; ¿e isso que importa? As salas dos bailes resplandecem perfumadas como primavera, aquecidas como estío; nada ahi recorda as desegualdades e durezas da vida real e positiva; o praser toma todas as formas, para seduzir ao mesmo tempo a todos os sentidos.

Mas, em quanto as cidades dançam coroadas de flores, as aldeias esmorecem no meio de seus campos afogados, os mares cobrem as costas de homens e navios mortos. E' um espectaculo este juntamente sublime e lastimoso: a Natureza a esmagar com a sua mão de ferro fechada, e logo ao-pé a arte da sociabilidade como que a escarnecer da Natureza.

Nos saraus, ao-pé das inundações e naufragios, o ecco d'essas calamidades, que a tantos ferem, e sobre tantissimos recaem, sôa apenas como ecco de coisa acontecida n'outro planeta. Se no intervallo de uma contradança, ou de um jogo rijo, se lançam distrahidamente os olhos sobre o jornal que o repete, a sensação que d'ahi nasce é tibia como a de uma tradição mythologica; e se alguma efficacia tem, é para sazoar pela opposição os faceis deleites que ahi fervem.

De longe em longe uma coisa a que chamam *philanthropia*, porque não chega a ser *caridade*, lá transforma um ou outro d'esses saraus em beneficio dos opprimidos pela estação; mas a boa obra que não provém da fonte intima, e a que falta, com todos os outros caractéres da esmola, o zelo, fenece quasi sempre como flor de cultura forçada, que não vinga a dar fruto. Essa bagatella que os ricos despendem, chega aos pobres desfalcada, tardía, mal repartida, e mal applicada. Poderiamos dar provas, mas não queremos.

Haja embora esse pouco, se melhor não pode haver. ¿Mas por que não poderá haver melhor?

¿Por que se não hão-de instaurar, ou restaurar, institutos beneficos para acudir aos afflıgidos, ou puramente *humanos*, como hoje se vão usando por essa Europa, ou *christãos*, como os sabiam fazer, e os mantinham, nossos paes, e com razão, porque a arvore da caridade, ao revéz de todas as outras, tem a raiz no Ceo, quando alastra a terra de seus frutos?

As calamidades, que fazem murmurar o impio contra a Providencia, ¿ não serão por ella mesma ordenadas para accender virtudes, para estreitar entre si os homens, para revelarem aos frivolos que até elles teem uma alma, para darem á terra os praseres dos mais subidos quilates que n'ella cabem, as delicias do bem-fazer? ¡ Que optima colheita não poderiam lucrar para a Fé as novas sociedades religiosas, se, aproveitando com avidez, com soffreguidão, estes ensejos tão tristes em si mesmos, e que tão prosperos resultados podem produzir, entregassem uma parte de sua bolsa ás mãos de varões apostólicos, para que, ao mesmo tempo que fossem por seus olhos reconhecer as feridas, e applicar-lhes os balsamos temporaes, fizessem ouvir na choupana do empobrecido as palavras da consolação!

¿Que missões poderia haver mais frutuosas? ¿que mais abundante surgente de illustração e bons costumes para o Povo, a quem o fanatismo servil, e a liberdade licenciosa, teem á porfia corrompido?

¡ Se os dos saraus bem soubessem que mares de amargura se revolvem em derredor d'essas suas ilhetas encantadas!... Dir-se-hia que a Providencia lhes tem assediado o coração, para lh'o render; e de anno para anno, e de dia para dia, aperta o assedio. Já não são só umas paginas mudas, friamente escritas, e mais friamente lidas, as que lhes dizem: «Em quanto vós outros aqui dançais, vossos irmãos se morrem ao longe de fome e frio.»

Documentos vivos d'esse desamparo giram

pelas extranhadas ruas da Capital, alagados nos chuveiros, cortados dos ventos, allongando ora a mão para a portinhola da carroagem, que vôa enlameando-os, ora os olhos para os balcões illuminados dos festins, d'onde trasborda a musica entretecida do sussurro e barbarizo dos ociosos.

*

Os pescadores da Costa (porque foi a sua presença n'esta Lisboa, quem nos suggeriu estas linhas de petição), vendo as serras dos mares inaccessiveis á sua temeridade, não tendo n'outra alguma parte do mundo o seu remedio, senão sobre aquelles abysmos, que hoje bem depressa os subverteriam para sempre aos olhos de suas mulheres, de seus filhos, de suas mães, correm por entre estas pinhas de casarias de uma cidade que os não conhece, mendigando (muitas vezes de balde) com que vão matar a fome aos poucos e com tão pouco saciaveis entes, que lá ao longe os esperam, sentados em silencio á porta do tugurio asseteado do temporal.

¡ Oh ! quando o indomito filho das ondas chega a estender a homens taes, como nós, a sua mão callejada do remo, e costumada, quasi desde o berço, a conquistar a subsistencia, ¡ que terrivel não deve ser o seu desamparo ! Não vol-o saberão elles dizer, que suas vozes roucas nunca aprenderam a doirar phrases ; mas vós, que ao menos nas novellas havereis lido o que é a miseria, bem podeis imaginal-o, se o ousardes : um átomo do vosso superfluo, uma flor que solteis do

vosso immenso ramilhete, um cartucho de menos que evaporeis n'essas renhidas batalhas de muitas horas, a que chamais jogo, uma levissima desobediencia ás ordens tirannicas do figurino, dar-vos-hão com que alimentar de pão negro, por muitos dias, a muitas d'essas familias, condemnadas a expôr de continuo a vida para tornar mais mimosas e delicadas as vossas mezas.

Ao cidadão que salvava um cidadão votava Roma não christan a corôa civica. ¿Que chamaria ella ao christão, que, podendo salvar, deixasse perecer com a morte de Ugolino ao christão seu irmão e seu serviçal?

(*Rev. Univ.*)

LXXI

ASPHALTO PORTUGUEZ

(Março de 1843)

Annuncia a *Empreza de asphalto portuguez*, com escritorio na rua do Alecrim n.º 27, que o faz para passeios, tanques, e terrados, etc., pelo preço de 1:000 reis cada vara quadrada.

A modicidade do preço augura grandes e subidos melhoramentos, assim nos predios urbanos, como nas ruas publicas.

¿Quem edificará, ou reedificará, casa, que, em vez de um telhado oppressor, dispendioso, captivo a perpetuos reparos, sem graça para a vista, e sem outro proveito para o dono, mais do que livral-o de soes e chuvas, não prefira um eirado, que, importando em menos, lhe servirá de jardim e passeio, de mirante e de estendal?

A saude das mulheres, e o desenvolvimento das creanças, ganharão por ahi trezentos por cento, ao mesmo tempo que se hão-de aperfeiçoar o aceio e a economia da

vivenda; mas, sobre estas e outras vantagens de tal methodo, assaz fica já ponderado no 1.º volume, artigo 657. Recommendamol-o á sizuda attenção dos nossos leitores.

Quanto ás ruas, é de primeira intuição que n'uma cidade tão estirada e profusa como esta Lisboa, onde ha longes de duas leguas em linha recta, e onde se comprehendem tantos valles e tantos montes, tantas descidas e tantas subidas, e algumas tão embargosas e cançadas, é indispensavel que os exforços da arte se desvelem em diminuir os descommodos dos longos transitos.

O andar, que é uma condição essencial para quasi todos os negocios da vida, que em muitos casos é um praser, em muitos um remedio, em muitos (e em quasi todos) um preservativo contra as molestias, em summa, um bem para o corpo, para o espirito, para a fasenda, e para a sociabilidade, o andar torna-se n'uma cidade de mau pizo um sacrificio, a que nem sempre a natural perguiça consente em sujeitar-se.

As cidades mais policiadas da Europa assim o chegaram a entender; por isso aplainam de continuo as ruas, multiplicam o mais que podem as transições entre ellas, lageiam o caminho para os peões, ementam e experimentam successivamente muitos generos de calçadas, já de pedra miuda e acamada, já de pedra graúda e cubica, já de madeiras de diversos feitios, e diversamente travadas ou pregadas, etc. etc. etc.

A Camara d'este Municipio, mau grado aos seus fracos haveres, tem n'esta parte

merecido ha annos, e continúa a grangear, muito louvor.

A vergonhosa immundicie de Lisboa, proverbial em todo o mundo, já quasi desappareceu, e acabará de todo. O macadamiso vai dando bastantes caminhos agradaveis.

Os *passeios,* banquetas, ou anditos, outr'ora exclusivo privilegio de uma parte da cidade baixa, principiaram a apparecer nos outros bairros; desgraçadamente, porém, principiaram, e não progridem. Com a presente barateza do asphalto em comparação da lágea, nenhuma rasão ha, para que em todas as ruas capazes de banquetas deixem ellas de apparecer, feitas de improviso. Um querer energico da Camara Municipal effectuará sem custo esta desejavel transformação.

Conchavado com a *Sociedade Lusitana do asphalto* quantas varas de banqueta se hão-de fazer em cada um dia, intime a Camara aos senhorios dos predios da rua que mais as necessitar, ou merecer, para que se aprompteem a fazel-as em tempo certo, cada um na sua testada, e levem assim a obra de rua em rua, para só parar á esquina d'aquellas, que por sua estreiteza o não consintam, velando em que se não faça por dia nem uma braça menos do que á Empreza fôr possivel aviar.

Se algum senhorio avaro murmurar contra a Camara, se algum malédico de profissão lhe fizer ecco, se algum liberal de theoria, e de obra-grossa, multiplicar esse ecco em algum jornal, ¿que importa? a obra de publica e incontestavel utilidade haverá sido

feita, feita sem offensa de nenhum verdadeiro principio de Direito publico. O jornalista, caminhando fóra de horas da imprensa para casa, agradecerá do fundo do coração aquillo mesmo de que ralhára. O malédico achará na sua fertil imaginação algum outro thema; e o senhorio marroaz esquecer-se-ha de que os seus concidadãos passeiem sobre o que elle pagou, quando por toda a parte passear agradavelmente sobre o que foi pago pelos outros.

Os que sabem o valor do tempo, e calcularem quantas horas e dias se perdem na roda do anno, pela falta de caminhos commodos, convencer-se-hão da grande utilidade, que de tão facil coisa ha-de resultar n'uma povoação de trezentos mil moradores.

Esperamos que a benemerita Camara actual não deixará sem prompto e effectivo despacho este requerimento.

(*Rev. Univ.)*

LXXII

ACHADA PARA SURDOS

(Março de 1843)

Subindo ha dias o sr. José Silvestre de Andrade para a Secrètaria da Guerra, de que é Official Maior, no meio das escadas lhe apeteceu tomar rapé. Para abrir a caixa, metteu entre os dentes uma folha de papel, que na mão trazia dobrada em quarto; e, continuando a subir, se admirou de ouvir o som dos seus proprios passos, do que ha muitos annos estava privado. Não cahindo em que seria effeito do papel, tirou o d'entre os dentes tão casualmente como lá o poséra; notou porém que o ouvido lhe recahia no seu deserto habitual.

Advertido por esta segunda novidade, restitue aos dentes o papel, e torna a perceber claramente sons que d'antes lhe eram imperceptiveis. D'ahi em diante, nunca recorreu a este expediente, que lhe não surtisse o melhor effeito. Na ultima conferencia do Monte-pio das Secretarias, foi de proposito sen-

tar-se onde o tinha por costume, e d'onde nunca ouvira uma palavra da acta. D'esta vez, com o papel na bocca, nem uma conjuncção lhe escapou.

Hoje o sr. Andrade, graças a este meio facillimo, pode tomar parte nas conversações, para as quaes muitas vezes, e de balde, havia recorrido ás buzinas acusticas mais perfeitas.

¿ Será o seu remedio efficaz para todas as surdezes? Não ousamos acredital-o; mas, pouquissimos que d'elle se aproveitem, por de grandissima valia se deve ter um tal invento.

D'esta maneira, a condição dos surdos poderá ainda, em muitos casos, ser preferivel á das outras pessoas: n'uma discussão, a que sejam forçados a assistir, mettendo ou tirando da bocca o seu papel, segundo se forem revezando os interlocutores, gosarão do que fôr para gosar, forrando-se ao incommodo dos causticos verbaes. Na opera lyrica, em o snr. Sargedas cantando, passarão a abençoada folha dos dentes para o bolso; e do bolso para os dentes apenas principie a declamar. Com o snr. Figueiredo farão inteiramente o contrario.

Uma folha de papel com tal magia, vale mais... que muitas Inscripções de divida publica.

(*Rev. Univ.*)

(Veja-se sobre o assumpto, artigo 1780, a pag. 481 do vol. II, 15 de Junho de 1843 da mesma *Rev. Univ.*)

LXXIII

¿MAIS UM?

(Abril de 1843)

Consta-nos que se anda promovendo uma subscripção, para uma versão portugueza do *Brésil pittoresque*, do snr. Ferdinand Denis. Não nos veio á mão o prospecto, nem ouvimos o nome do traductor.

Dada esta satisfação prévia, com vénia e boa paz sua agora lhe endereçaremos uma saudavel advertencia.

Não ha Francez, nem por ventura estrangeiro, que mais tenha mostrado amar, e melhor haja merecido de nossa Lingua e Litteratura, do que esse distinctissimo escritor. A nossa Historia, os nossos costumes, os nossos autores em prosa e verso, tudo lhe é familiarissimo; e muita parte d'isso é já tambem, por suas diligencias, familiar a todo o mundo.

Pagar-lhe tanto amor, e tão bons serviços, esfolando-o n'este fétido açougue traduzidei-ro que entre nós se consente aberto, será

um crime, e que, nem como particulares amigos que somos do snr. Denis, nem como Portuguezes que tambem somos sem nenhuma duvida, poderemos perdoar. Assolem, muito embora, aos peregrinos escritores que não podem ler a nossa Lingua, nem nos présam, nem talvez sabem que existimos; estropiem as novellas, desfaçam os dramas, convertam-lhe o sublime em razo, e o razo em sordido. Com tudo isso já de callejados nos resignamos.

Contentes de não annunciar nenhuma d'essas mil folhas quotidianas, inspiradas da fome e inspiradoras do fastio, deixamol-as correr á revelia; não somos tutores dos vintens publicos, e pouco nos importa que sejam roubados os que são roubados por seu gosto.

N'este caso, porém, não é assim; e se perdoassemos que ingratamente se martyrisasse no moderno potro, chamado prelo, a um estrangeiro, a quem requeremos (e requeremos em vão) que o Governo conferisse um testemunho de apreço e reconhecimento, nunca jamais nós mesmos nol-o haveriamos de perdoar.

Se porém o traductor tomou bem o pezo á obra, mediu os hombros que para ella tinha, fez palpar o seu pulso por mãos peritas e sinceras, e intimamente se convenceu de que era bastante para a empreza, sáia, e sáia quanto antes. A primeira rama para a sua corôa publica, nós mesmos a cortaremos.

(*Rev. Univ.*)

CAMPOAMOR

LXXIV

CAMPOAMOR

(Abril de 1843)

Tivemos o praser de conversar largamente, e travar amisade, com o joven e distincto poeta D. Ramon de Campoamor; e temos a satisfação de annunciar, que o proximo estio o reconduzirá de Trujillo, sua terra, na Estremadura hespanhola, para onde partiu domingo ultimo, a esta cidade, de que levou tantas saudades, como n'ella deixou.

Profundamente instruido na Litteratura antiga e moderna, castelhana e estrangeira, dotado de uma phantasia meridional das mais ricas, e ao mesmo tempo de uma razão solida e de um discernimento claro, o snr. Campoamor, quer nos escritos, quer no improviso da pratica, se mostra, sem exforço nem affectação, e não a revezes se não simultaneamente, bom philosopho e bom poeta.

Nada mais saboroso, mais instructivo, mais inspirador, e mais facil, que o seu discorrer sobre qualquer assumpto que se apresente.

Do poetico almoço, que tivemos com elle na deliciosa manhan de 21 do corrente, no seu quarto da Hospedaria de França, em face d'este esplendido Tejo castelhano e portuguez, não nos soffre o coração que deixemos de repartir com os nossos leitores. Os seus primeiros *Apólogos* estão impressos; não havemos de tirar d'elles para este brinde; basta-nos dizer que excedem (quanto a nós) e muito, aos de Iriarte; e saem da róta eternamente batida por todos os fabulistas, desde Esopo, Phedro, e Avienno, até Lafontaine e Florian.

Tão pouco tomaremos dos seus *Ayes del alma*, volume tambem impresso, e verdadeiro thesoiro de poesia intima e scismadora.

Deixaremos egualmente intactas *Las Poesias*, por já tambem correrem vulgarisadas, e ser facil a qualquer, desejoso de conhecel-as, o mandal-as vir.

Para darmos uma succinta ideia da indole, do pensamento, do agrado do estylo, da melodia do metro, e do acertado da rima do autor, trasladaremos das suas *Baladas* ainda ineditas, preferida não por melhor, mas por mais curta, a:

BALADA

LA DICHA ES LA MUERTE

POETA

Niño, á quien guarda el maternal cuidado,
pues que mi pecho tras la dicha vá,
talvez la dicha encontraré à tu lado.

LA MADRE

Llorando el niño entre mi seno está.
Id mas allá.

POETA

Hermosas, solo en estranjera tierra,
prestadle dicha á quien tras ella va,
pues tantas dichas vuestro amor encierra.

LAS HERMOSAS

Triste del ser que idolatrando está.
Id mas allá.

POETA

Magnates, hoy vuestra piedad imploro ;
loco mi pecho tras la dicha vá.
Si el oro dá la dicha, prestadme oro.

LCS MAGNATES

Vêd que amagandoos el puñal está.
Id mas allá.

POETA

Ancianos, presa de infernal batalla
mi pecho em pós de la ventura vá.
¿ Ni al borde mismo de la tumba se halla ?

LOS ANCIANOS

Ni al borde mismo de la tumba está.
Id mas allá.

(*Rev. Univ.*)

LXXV

FREI LUIZ DE SOUSA

(Maio de 1843)

Sabemos que S. E. o snr. Garrett empregou o forçado ocio em que o teve a molestia, de que felizmente acaba de sahir, na composição de um novo drama em tres actos, intitulado Frei Luiz de Sousa. Quasi que abençoamos uma reclusão, que produziu um novo laurel para a nossa Litteratura. O enredo é simples, e ao mesmo tempo interessante; os caractéres, bellos, e perfeitamente conservados; as situações, dramaticas; o estylo, rico de singeleza, de propriedade, e de affecto.

(*Rev. Univ.*)

LXXVI

O CAFFÉ CONVERTIDO

(Abril de 1843)

Se ha muitas plantas, cujo uso seja mais universal, mais necessario, e mais antigo que a do caffé, nenhuma apostará com ella primazias aristocraticas e poeticas.

A historia do caffé é uma Odyssêa, ou antes um poema épico.

Desde que a alegria dos gados que o pastavam revelou as suas virtudes, e os Religiosos mahometanos o começaram a adoptar, para afugentar o somno, que se lhes exhalava como nevoasinha das paginas do Korão, até que toda a Europa e todo o mundo se tornaram sua conquista, ¡ quantos combates se não deram em seu nome nos livros, nas academias, nas conversações, nos actos governativos! Foi uma guerra encarniçada, como a do tabaco, a da vaccina, e... a dos principios liberaes.

Tudo cança e esmorece com o tempo. Os Guelphos e Gibellinos do caffé poseram as

armas; e o perfumado arbusto oriental, de que (segundo resam os Persas) a primeira bebida que se fez foi por mãos do Anjo Gabriel para curar a Mafoma, que andava doente e abhorrido, adquiriu entre os Christãos tantos devotos, como no Islamismo.

Chamaram-lhe a bebida dos sabios, o licor intellectual, a Hipocréne de Voltaire, o facilitador das digestões, o desanuveador de cuidados e tristezas, um novo e suavissimo vinculo da sociedade; e em quanto o vinho, antigo como o diluvio, consagrado por cultos especiaes de Gregos e Romanos, apenas tinha pequenas ermidas com o titulo de *tabernas*, do caffé se erigiam, e se erigem, e crescem, e se aperfeiçôam de dia para dia nos sitios mais vistosos das cidades, verdadeiros templos, vastos, illuminados, esplendidos, onde a prataria, os doirados, e os espelhos, reluzem de toda a parte, e onde, em roda de seus altares de marmore, os seus adoradores, sorvendo pela bocca e pelo olfato uma delicia inefavel, disfrutam uma bem-aventurança, de que nem a presença do periodico politico os despoja.

Os adversarios do caffé estão pois, não só vencidos, se não triumphados.

Todavia (por honra d'elles o devemos confessar), ainda triumphados, e bebendo o caffé como toda a outra gente, murmuram contra algumas qualidades maléficas, misturadas com as reconhecidas virtudes d'esta bebida.

A sua divisa podia ser aquelle famoso verso de Alfieri:

Servi siam, si, ma servi ognor frementi.

A Natureza, que dera a este arbusto o mesmo berço que á arvore do incenso, as fadas que o fadaram com tanta elegancia de folhagem, e tanta purpura de frutos, e o Anjo S. Gabriel, que primeiro os escolhêra para mimosear o seu valído, e com suas proprias azas esteve abanando o fogareiro em que elles se torravam, a Natureza, as fadas, e o Anjo, não podiam consentir que a gloria do caffé continuasse a ser contrariada, mas que fosse por murmurios.

*

Taes foram as reflexões que fizemos, lendo no *Constitutionnel de Paris* de 6 de Março o seguinte annuncio:

Essencia de caffé de Nicolaï, caffé de Moka, e da Martinica

«Esta essencia é composta só de caffés escolhidos.

«A sua perfeição consiste em se ter resolvido o seguinte problema: extrahir do caffé o principio balsamico puro, sequestrando-o inteiramente do oleo empyreumatico, e dos saes, que, sobre tornarem o caffé ordinario excitativo e nervoso, lhe adulteram mais ou menos o aroma.

«Eis, em duas palavras, o imprevisto resultado, a que chegou o snr. Nicolaï. Para se conhecer o sublimado d'esta essencia, basta notar o diminuto das dóses. Com uma só colher d'ella se faz uma chávena de caffé com leite.»

(*Rev. Univ.*)

LXXVII

BARCOS AÉREOS DE VAPOR

(Abril de 1843)

Dizia o *Atlas,* periodico semanario de Londres, a 5 de Novembro preterito, que já se havia expedido privilegio, com data de 29 de Setembro, a uma Companhia de accionistas e engenheiros, cujo proposito era estabelecer *barcos volantes.*

Estes barcos, que deviam servir não só para correios e viajantes, mas tambem para carregação de mercadorias, haviam de se levar com tal escantilhão por ares e ventos, que em sós quatro dias se arremeçariam de Londres á India; isto é ¡ 75 a 100 milhas inglezas por hora!

E accrescentava, que para Janeiro de 1843 se esperava ter as machinas promptas, e em exercicio.

O artigo era sizudo; mas o seu assumpto lembrava em demasía os *contos pérsicos.*

Sobrestivemos no gosto de dar a noticia. Entrou Janeiro e sahiu Janeiro, entrou Fe-

vereiro e sahiu Fevereiro, e não tornámos a ouvir novas de tal *Aerial steam carriage.*

Chega porém Março; e na segunda semana d'elle, quando já haviamos perdido a deliciosa esperança de viajar como as divindades mythologicas, volta o *Atlas* a alvoroçar-nos:

«A ideia e plano da Companhia encorpou-se e desenvolveu-se n'este meio tempo. Poucos dias ha, que no Parlamento se apresentaram petições, para se conceder o privilegio dos barcos aéreos a Henson e C.ª. Para o fim do presente Março tencionamos — diz o jornal — dar a nossos leitores explicação e estampas d'estas machinas e seu movimento; e só o não faremos, se os interessados temerem que d'ahi lhes resulte prejuizo.»

Ficamos aguardando, com a mais insoffrida impaciencia, a realização d'esta portentosa utopia; mas em verdade: depois dos navios e carroagens terrestres de vapor, das cidades illuminadas com gaz, e de tantos outros milagres da Sciencia moderna, ¿ que Hercules poria columnas ao talento inventivo do homem?

De mais: não é esta uma novidade, de que já cá não andasse no mundo alguma semente, porque o dar rumo aos balões, de que a Physica velha tanto ria, é ha alguns annos assumpto de graves estudos, e já até em parte resolvido pela experiencia. Por provas, além de outras, podeis reler os nossos artigos 53 e 225.

¡ Se decididamente se abre ao genio vaga-

bundo (e cada vez mais vagabundo) da nossa especie o terceiro, o mais vasto e desimpedido dos elementos! ¡Que mudança total não apresentará o mundo dentro em pouco! ¡Adeus, estalagens! ¡adeus, alfandegas! adeus, navios e portos! ¡adeus, muralhas e castellos, engenharia e tactica de antigos e modernos! ¡e sobretudo adeus, e adeus para sempre, crueis saudades dos ausentes! ¡Vivam os barcos aéreos!

*

....

Chega-nos o *Atlas* de 25 de Março. A patente está registada. A primeira leitura de um *bill* sobre isto fôra feita no Parlamento, na sessão da vespera. Ainda se não haviam visto experiencias publicas; mas o engenheiro autor não põe duvida em ir elle mesmo na primeira viagem. Se a coisa não surtir já o seu pleno effeito, parece, pelo menos, certo ao redactor que, pois que se achou a ideia mais difficil, não faltará na Inglaterra talento para a tornar decididamente pratica. E termina promettendo de novo que no proximo numero dará descripção e estampas do interior e exterior da machina.

(*Rev. Univ.*)

LXXVIII

CARIDADE

(Abril de 1843)

Se os publicos festejos no dia 4 de Abril, natalicio de Sua Majestade, não foram estrondosos, se não houve n'elle essas demonstrações vans do alardo de tropas, de uma Capital e de um Reino todo illuminado, e de chuveiros de titulos e condecorações resplandecentes, houve melhor do que isso: houve caridade.

Em honra sua, o Asylo dos velhos e velhas arrancados á mendicidade, o pobre mas não triste convento, não ha ainda muito, de outros mendigos religiosos, conhecidos pelo titulo de «Frades de Santo Antonio da Alameda,» recebeu á sombra de suas telhas hospitaleiras um numero consideravel de novos necessitados de ambos os sexos.

Todos os moradores da casa foram n'esse dia vestidos de novo com o producto da loteria feita, para esse mesmo fim, no palacio do Ex.^mo Marquez de Vianna, Presidente da sua Junta administrativa.

O aceio mais estremado não é já n'esta casa novidade; mas n'este dia os visitadores, que em grande numero a frequentavam, viam alguma coisa mais do que simples aceio: havia verdura, havia flores, havia festa.

A festa é tambem uma esmola para velhos e tristes. Em quanto o pão não diz senão dó áquelles enjeitados da fortuna, o ramalhete, a folha verde, que foram buscar para lhes pôr diante, dizem amor, dizem affecto melindroso, e extremos de bem-querer. O pão allonga a vida, mas não a melhora; e isto reclina-a sobre suaves memorias do mundo da mocidade. Vendo que a Natureza ainda para elles sorri, o rosto enrugado do velho sorri tambem: sorri para ella, sorri para a Providencia, e sorri para a mão delicada, que adivinhou n'elle, para lh'a satisfazer, uma necessidade, de que já elle proprio se não lembrava.

Um jantar, não mimoso (que seria escarneo cruel), mas abundante, foi servido pelos illustres membros da Junta a estes, a quem ainda ha dois dias tudo faltava sobre a terra.

*

Em quanto assim se incensava o Throno do modo mais nobre, com a caridade, a caridade do alto d'elle derramava por uma candida mão de Rainha as suas liberalidades sobre outros bandos de infelizes.

Os palacios Reaes de Ajuda e de Queluz ha muitos annos deshabitados da Côrte, como que se achavam em parte convertidos em asylos para as invalidas aposentadas do serviço do Paço. Mais de cincoenta, entre aça

fatas, moças de lavor, retretas, e pensionistas, vegetavam ainda ahi em desamparada solidão. Todos os ultimos Reinados para ahi haviam deixado algumas, como depois de uma festa se lançam, esquecidas e murchas para um canto, as flores que n'ella figuraram; e no meio das conversações monotonas, e já quasi exhaustas, d'estas mulheres encanecidas, muitas enfermas, e todas pallidas, ¡pallidas de fome no meio de palacios! havia quem ainda podesse contar da esplendida Côrte d'el-Rei D. José, e dos dias gloriosos do Marquez de Pombal.

Estas chronicas semi apagadas dos faustos aulicos, de dia para dia velhice e penuria as troncavam e rareavam lastimosamente. E' porque as pensões, que, segundo o costume antigo, ficavam recebendo depois de aposentadas até ao fim da vida, haviam cahido, pelas ultimas reformas, para entre os encargos do Thesoiro publico.

Ignorava a Soberana os amargurados dias e noites, que á sombra de tectos seus curtiam em silencio as antigas servidoras de seus antepassados.

«As guardas dos Tudescos e Archeiros— dizia um poeta dos bons tempos — não tolhem á Morte o entrar no Paço.» Mas já com a verdade assim não corre: se lá entra algum raio da sua luz, é por vidraças de tal industria, que ora apoucam, ora agigantam, ora transtornam de cores, os objectos. ¡E queixar lá sempre dos Reis pelas atrocidades que assignam!... «¡Pobre mulher!— dizia D. Maria I ao ver uma esfarrapadinha enferma e caduca—!pobre mulher! suppo-

nho que não passa de sopa, vacca, e arroz.»

A sua bisneta, a senhora D. Maria II teve a fortuna de encontrar um coração generoso, que ousasse dizer no meio de suas salas doiradas: «Ha, não uma porém muitas decrépitas, que expiram á mingua nas poisadas dos Reis de Portugal, em quanto Vossa Majestade alegra no meio de festas brilhantes a sua mocidade.»

Joven, e mãe, sentiu-se estremecer no coração. Tambem Ella cursou a escola do infortunio, viu o mundo no mundo, e aprendeu ahi o que os docéis nunca souberam ensinar: a compaixão.

O dia 4 de Abril foi para as afortunadas desditosas o derradeiro de sua orphandade. Estabelecendo a cada uma uma pensão do seu bolsinho, não lhes deu do pão alheio, como seus maiores o haveriam podido fazer; mas do seu proprio pão repartiu com ellas; ¿e isto quando? quando a maré enchente da pobreza, depois de alagar o Reino, já vai subindo ao proprio estrado do Throno.

Se o galardão d'este acto não está todo na consciencia de o ter praticado; se pode imaginar-se maior premio do que haver necessariamente sentido, apoz aquelle acto, dobrar-se-lhe no peito o affecto para com os Filhos, para com o Esposo, para com tudo que a rodeia; se ha bençãos superiores a taes bençãos, essas lh'as attrahirá, sem duvida, do Ceo a gratidão fervorosa das que sem Ella se houveram finado sem pão, sem luz, sem consolo na agonia, e talvez sem lagrimas sobre o sepulcro.

(*Rev. Univ.*)

LXXIX

MEDICINA SEM MEDICINA

(Abril de 1843)

Com este titulo publicou o snr. Doutor Jacintho Luiz do Amaral Frazão um opusculo de 64 paginas em 8.º grande, que se acha á venda na loja de Borges, livreiro ao Chiado.

Não ha ossos mais duros no officio de redactor, do que ter de julgar os livros novos; mas nenhuma obrigação, tambem, nos corre mais apertada, do que a de falar verdade, se não é a de não mentir.

Outrem que faça em taes casos o que mais commodo lhe parecer; nós, custe o que custar aos outros, e a nós mesmos, havemos de dizer liza e chanmente de cada coisa o que ella em realidade se nos figura; e, vindo já a este opusculo do snr. Frazão, confessaremos que o seu systema se nos apresenta uma solemne utopia, um formoso sonho de sabio, a metamorphose da Natureza em Mythologia, operada por um coração

honesto e caritativo, mas enganado no seu caminho pela mesma vehemencia dos seus bons desejos.

Medico, vivendo da clinica, e bem conceituado entre os da sua profissão, o snr. Frazão declara á Medicina uma guerra de morte. Esta abnegação de interesses reaes prova pelo menos em seu favor uma probidade incorruptivel, e uma convicção inabalavel, qualidades ambas rarissimas n'esta edade de duvida e de egoismo.

Contende elle que a Medicina, como se entende e pratica, e o genero de vida que se tem na sociedade, por culpa da má organisação e do que se chama civilisação, contrariam os designios do Autor da Natureza; que Este fizera os homens para gosarem de uma perenne saude, e preencherem uma duração mais do que secular; devendo-se seguir d'aqui dois corollarios:

1.º — que o modo de viver deve ser transformado, de artificialissimo que é, em simplicissimo;

2.º — que Medicina, que deixa morrer os homens em tanto numero, em todas as edades, e de tantos e tão diversos modos, deve ser extirpada, substituindo-lhe outra, a que elle chama *preventiva*, isto é, a hygiene; consistindo principalmente nos exercicios gymnasticos.

Do desenvolvimento d'este segundo corollario, é que o autor, depois de o haver estudado ampla e profundamente por espaço de muitos annos, se deseja encarregar, creando uma escola theorica e pratica de *Medicina sem Medicina*, uma vez que o Governo

para ahi concorra com o pouco de que se ha mistér para a realisação de tal projecto.

«Além das vantagens — diz o autor — indicadas, como consequencia da projectada reforma, já bem numerosas e bem recommendaveis por sua immensa importancia, seria facil deduzir muitas outras; porém lembraremos que, tornando-se afinal desnecessaria a Medicina curativa, no sentido do celebre Platão, desnecessarios virão a ser os hospitaes civís e militares, com todo o seu pessoal, material, e enorme custeamento; desnecessarios os hospitaes ou casas de invalidos, os lazaretos, os cordões sanitarios, e até os estabelecimentos de ensino, universidades, collegios, academias, etc. etc.; o que augmenta consideravelmente os serviços da Medicina philosophica; sendo estes, agora indicados, de um allivio inapreciavel para o Publico pela parte das contribuições necessarias para tão enorme custeamento.

«Comtudo, até por esta especie particular de serviço de *economia publica*, não merece este plano a pueril recusa por falta de meios; Se é que não quizermos mesmo comparar os seus beneficios com os de muitas emprezas custosissimas de caminhos de ferro, de navegação a vapor, de pontes pensis, o tunnel de Londres, etc., e entre nós a do theatro nacional, do monumento de D. Pedro, e mesmo do hospital dos doidos.»

Não podendo escurecer a grande, a immensa exageração que o autor faz de principios aliás verdadeiros, parece-nos comtudo que as doutrinas d'este opusculo merecem meditadas, e que, sem se arrazarem as

aulas medicas, os hospitaes, e as boticas, males grandes, mas grandemente necessarios, o projectado instituto do snr. Frazão não só se devia consentir, mas favorecer, porque, se não podemos aspirar a ser todos macrobios, se não ha seguramente de pôr um *veto* nos aneurismas, nas apoplexias, na *coqueluche*, etc., é entretanto certo que os exercicios corporaes, tão despresados na nossa creação, uma hygiene fundada no verdadeiro conhecimento do nosso ser physico e moral, e sobretudo a diminuição do luxo ruinoso (e mais ruinoso ainda para o corpo do que para os haveres), poderão em muitos casos dilatar a existencia, prevenir muitas molestias, e as inevitaveis tornal-as menos perigosas.

Procurando a pedra philosophal, achou-se a Chymica. Teimando por descobrir o motu-continuo, adiantou-se a Physica. E' provavel que as diligencias para resolver a quadratura do circulo tenham dado n'outros tempos incremento á Geometria.

O pensamento do snr. Frazão, mais alto, mais humano, e infinitamente mais util que todos esses, poderá, se o reduzirem por um immenso decote ás suas justas dimensões, trazer á nossa especie bens, por onde o nome do autor deva ser em todos os tempos abençoado.

(*Rev. Univ.*)

LXXX

ASPHALTO

(Maio de 1843)

Seria já hoje tediosa pedantaria demonstrar as vantagens do asphalto para pavimentos, paredes, terrados, passeios, reservatorios de agua, e mil outros usos. Todos as teem ouvido, todos as teem visto e experimentado.

Duas companhias existem em Lisboa para estas obras: uma, franceza de asphalto de Seyssel, outra de asphalto portuguez.

Não é este o caso de se recommendar a preferencia do *portuguez* só porque o é; a palma deve ser dada, sem attenção á naturalidade, a quem servir melhor e mais barato.

Nos papeis publicos temos visto a questão que se agita entre as duas sociedades; e pelo allegado e provado, entendemos que a do asphalto portuguez, com ser a provocada, é a que merece, e ha-de conseguir, toda a victoria;

1.º — porque as suas obras sobrepujam na perfeição e dura ás da sua rival;

2.º — porque sendo taes, saem trinta ou quarenta por cento mais baratas.

Os seus preços são os seguintes:

Para cobertura de terrados, passeios, celleiros, lojas, 1:000 reis por cada vara quadrada, sendo obras de 50 varas para cima; de tanques, o chão 1:000 reis, paredes 1:200 reis; cavalhariças, 1:200 reis. A lenha e transporte de materiaes é por conta de quem manda fazer a obra.

Recommendamos aos donos das casas, e especialmente aos que as houverem de edificar, releiam o nosso artigo 1471, e ponderem maduramente nas conveniencias economicas e sanitarias, que tal uso lhes offerece.

Recommendamos sobretudo á Camara Municipal, e lhe pedimos, e em nome do publico interesse a obsecramos, que defira com bom e prompto despacho ao requerimento, que n'esse mesmo artigo respeitosamente lhe fizemos, e que a opinião geral (podemos dizel-o sem vaidade) assignou unanime comnosco.

Os passeios ou banquetas das ruas são uma verdadeira necessidade; e a Camara, sem dispendio de um real, a pode satisfazer. Não haverá queixumes; não haverá rasão para elles; todos n'isso lucram mais do que despendem; e de crer é, que, adoptado pela Camara o nosso alvitre, a Sociedade do asphalto não hesitará em abaixar ainda o que fôr possivel nos seus preços, já porque será esse um serviço nacional, já tambem porque em tão vasta obra com pequenos lucros parciaes ajuntará avultadissimo cabedal.

(Rev. Univ.)

LXXXI

ESTREIA DAS CARROAGENS AÉREAS DE VAPOR

(Maio de 1843)

Subiu com effeito de Londres aos ares um atrevido aeronauta dirigindo a sua derrota para Paris. A primeira, a mais grave das objecções, ficou enterrada debaixo de seus pés. Correu largo espaço em direcção horizontal; foi mais uma resposta, foi a demonstração, foi o triumpho publico do systema. Esse triumpho, porém, a fortuna, que a maior parte das vezes vende, não dá, tinha que o descontar. Quebra-se uma peça da machina; o viajante, solitario nos ermos do céo, o viajante, que era um curioso, e não o inventor, perturba-se, desacerta a manobra; rebenta-lhe a caldeira; carroagem e conduzido precipitam-se no canal da Mancha, d'onde o temerario é salvo por um barco de vapor, e reconduzido a Londres, onde (segundo dizem) está escrevendo a sua mallograda viagem. O invento resurgirá ovante por cima dos agoiros.

(*Rev. Univ.*)

LXXXII

ADVERTENCIA IMPORTANTE

(Maio do 1847)

A' ultima hora se nos apresentam ponderosos motivos de suspeitar que a desgraça da carroagem aérea de vapor foi uma insípida fabula, mettida em alguns jornaes por tolos, ou por inimigos, ou por invejosos, de Mr. Henson.

O paquete, que anciosamente esperamos, aclarará toda a verdade.

(*Rev. Univ.*)

LXXXIII

CARROAGENS AÈREAS DE VAPOR

(Maio de 1843)

O *Atlas* trazido pelo ultimo paquete declara que a noticia; que no seu precedente numero se lêra, e que no nosso artigo 1638 resumiramos, de se ter precipitado no canal da Mancha a primeira carroagem aérea, fôra uma pura ficção, ou novella, armada para passatempo por um seu correspondente de Escocia; que o redactor a publicára sem nenhuma especie de commentario, por se persuadir que ninguem a tomaria por verdade, já porque Mr. Henson tinha o privilegio exclusivo d'aquella industria, e ninguem lh'o podia violar, e já tambem porque era evidente que, desde que appareceram as primeiras estampas das carroagens aéreas, não tinha ainda havido tempo para que outrem concluisse uma, sendo que a do proprio inventor ainda se não podéra acabar. Fôram essas precisamente as ponderações, que nos obrigaram a dizer, no artigo 1662,

que desconfiavamos da veracidade d'aquella noticia.

Por esta occasião temos o gosto de annunciar aos nossos leitores, que recebemos para publicar um artigo do Ex.^{mo} Visconde de Villarinho de S. Romão sobre outra semelhante machina volante, inventada em Portugal por um Portuguez, ha mais de cento e trinta annos, cujo desenho, que existe, e que até hoje foi havido por um enigma indecifravel, é com grande sagacidade explicado por S. E.

(Rev. Univ.)

LXXXIV

A CARROAGEM AÉREA

(Maio de 1843)

Sem interromper os trabalhos da construcção da carroagem volante de 150 pés de comprido, fez Mr. Henson, para experiencia, um modelinho d'ella, que de comprido só tinha 14 pés. Experimentou-se, e falhou.

D'ahi, porém, nenhum dos partidarios do seu systema lhe inferiu desar algum, nem elle tomou desfallecimento. Em tão pequeno ponto era muito mais difficil o bom successo; e em machinas tão complicadas as primeiras tentativas acham quasi sempre obstaculos imprevistos, que depois se vencem a pouco e pouco. A *Historia da invenção e melhoramento das machinas de vapor* é uma longa prova d'isso.

O praso a Mr. Henson concedido na sua patente, para n'ella realisar a primeira viagem, foi de seis mezes desde a data. D'aqui pois até meado Setembro não ha que per-

der esperanças; e ainda então o não haveria, por mais desastrada que lhe sahisse a experiencia.

Segundo os melhores physicos, o rifão de *castellos no ar* tem de ser riscado d'esta vez do rol dos rifões, como do rol dos officios o de ferrador e o de sapateiro: para viajar, ninguem pedirá o seu cavallo nem as suas botas, mas simplesmente o seu capote e as suas azas.

(*Rev. Univ.*)

LXXXV

DUELLO

(Maio de 1843)

Se os infanticidios estão clamando á sociedade por providencias, não o estão menos os duellos. Os infanticidios são só atrozes; os duellos são hoje, além de atrozes e absurdos, enjoativamente ridiculos.

O desafio é quasi sempre a rasão de quem a não tem, a *ultima ratio stultorum*. Os preparos, que se lhe seguem, são uma farça barbara, que termina as mais das vezes vergonhosamente entre dois tinteiros, ou entre duas garrafas.

O combate, quando o ha, ou é uma ostentação de comedia pateavel, ou uma tragedia bestial; porque nem a morte do calumniador (se de calumnias foi o caso) desfaz as calumnias, nem a do calumniado lhe ressarce o damno já padecido.

Todas estas verdades são triviaes; e ha leis repressivas d'este crime; entretanto, raro é o dia em que não ouvimos falar de algum espadachim, que n'um passeio, n'um bote-

quim, n'uma sala, e (o que peor é) n'um periodico, ou n'uma discussão de Parlamento, não desafie abertamente, ou, roncando féros de Roldão e Ferrabraz, não repita a formula sacramental dos professores d'aquella arte, a que por brincadeira chamam nobre: «Estou prompto para todas as explicações; aqui ou em qualquer parte, como homem ou como cavalheiro.»

¿Esperarão os legisladores que o mal cresça até o ponto em que a sua propria gravidade, ou o escarneo, lhe sirvam de remedio? Seria uma expectação anti-social e anti-humana.

Dois mancebos militares, desavindos por não sabemos que offensa de palavras feita por um d'elles ao outro na pessoa de sua dama, saem no dia 10 da cidade, acompanhados da comparsaria dos padrinhos, para um arrabalde proximo; pucham das espadas; esgrimem; o aggravado fere levemente n'um lado ao seu adversario; este, cego de furia abre-lhe a cabeça com uma cutilada, e deixa por terra, lavado em sangue, um semi-cadaver, para que o levem á sua familia.

¿Lavou-se a injuria da dama com o sangue do seu amante? ¿Desafrontou-se este, ficando em termos de perdel-a a ella, e mais á vida, na flor da mocidade? ¿Desfez-lhe a espada do seu inimigo o que a lingua do seu inimigo havia feito? ¿E o vencedor? diz lhe a sua consciencia que obteve um loiro?

Tres vezes horror sobre taes crimes; e trinta vezes infamia a quem, podendo, lhes não põe limites.

(*Rev. Univ*).

FIM DO QUARTO VOLUME

INDICE